

ANAIS DO
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E
COMÉRCIO**

VOLUME I

XXXV
Coleção da *Revista de História*
sob a direção do Professor
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil
1971

NAVIOS E MERCADORIAS NO PÔRTO DE PARANAGUÁ, NOS MEADOS DO SÉCULO XIX (*).

CECÍLIA MARIA WESTPHALEN.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná.

O. — PROBLEMA.

Poderá o estudo do movimento de um pequeno pôrto, do litoral sul brasileiro, e do comércio realizado através do mesmo, com base apenas em um produto de extração vegetal de beneficiamento primário, nos meados do século XIX, evidenciar a instabilidade do desenvolvimento capitalista da civilização ocidental, e o ritmo das suas flutuações? Poderá, desta maneira, o historiador da história regional, fazer uma história significativa que, revelando pela análise serial quantitativa, a sensibilidade das economias reflexas, permita comparações, entre a história da economia dos países industrializados, e aquela de países de economia pré-industrial, traçando paralelos ou oposições? Objetivando responder a estas questões de ordem teórica, o presente trabalho constitui uma experiência de aplicação da teoria econômica dos ciclos, na História do Paraná.

Concretamente procurará definir a natureza e a amplitude das flutuações induzidas, pelo comércio exterior, na conjuntura da emancipação político-administrativa do Paraná.

Em conseqüência, responder-se-á a uma questão de ordem prática: Como se comportou o movimento de navios e mercadorias no pôrto de Paranaguá, nos meados do século XIX, ante as crises de 1847 e 1857?

1. — INTRODUÇÃO.

Resultando da expansão paulista de São Vicente, Santos e Cananéia, o povoamento efetivo do litoral paranaense data da primeira

(*) . — Comunicação apresentada na 5ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 5 de setembro de 1969 (*Nota da Redação*).

metade do século XVII, motivado pela procura de índios carijós e de minas de ouro e prata.

Desde logo, os moradores que se fixaram na foz do rio Tagua-ré e organizaram, em 1648, a vila de Paranaguá, entretiveram pequenas trocas com aquêles do litoral paulista e mesmo do Rio de Janeiro. Era, porém, um incipiente comércio de “bens pobres”, com base apenas na permuta de farinhas de mandioca, bêtas de embé, algum arroz, lenha e congonghas, mas tudo em reduzida escala, pelos panos e riscados de algodão e pelo sal que necessitavam e não produziam na terra, e eram trazidos por embarcações de pequeno porte, como as sumacas e bergantins.

Tôda a segunda metade do século XVII e mesmo todo o século XVIII, no que tange às mercadorias exportadas pelo pôrto de Paranaguá, são dominados quase que exclusivamente pela presença das farinhas de mandioca, necessárias ao abastecimento da Colônia do Sacramento, às expedições militares do Sul, e ao socôrro das populações de Santos, São Paulo, Rio de Janeiro, e mesmo da Bahia e Pernambuco.

Quando da sua correição em terras paranaenses, em 1720, o ouvidor-geral Rafael Pires Pardino, constatando

“a suma pobreza em que vivem os moradores das últimas vilas dêsse Estado do Brasil” (1),

aconselhara ao Rei que permitisse pudessem êles ir comerciar, com suas embarcações, à nova Colônia, levando madeiras, cal de ostras, te.has e outros frutos da terra, introduzindo inclusive as congonghas paranaenses, no mercado de Buenos Aires.

A Provisão Régia, de 29 de abril de 1722, atendeu às ponderações de Pardino, concedendo liberdade de comércio aos paranaenses que, contudo, dela não se aproveitaram por largo tempo.

O comércio marítimo, por todo o século, permaneceu restrito às pequenas transações com os barcos que aportavam em Paranaguá, e caracterizado sempre pela procura e fornecimento de farinhas ao Sul, Rio de Janeiro e Santos principalmente.

Aliás, no decorrer do século XVIII, estruturara-se nos Campos Gerais, a sociedade tradicional paranaense, com base no latifúndio campeiro, na criação do gado e, depois, no comércio das tropas de mulas que os tropeiros paranaenses conduziam desde o Rio Grande do Sul às feiras de Sorocaba.

(1) . — In Provisão Régia de 29 de abril de 1722. Vieira dos Santos (Antônio), *Memória Histórica, Cronológica, Topográfica e Descritiva da Vila de Morretes e do Pôrto Real vulgarmente Pôrto de Cima*, pág.27 Publicação Museu Paranaense, Curitiba, 1950.

Assim, continuou o pôrto de Paranaguá, sobretudo depois da perda de Sacramento, com fraco movimento comercial e de embarcações, desentrosado que se encontrava das grandes rotas do comércio atlântico, e sem função na conjuntura econômica da Colônia.

O movimento do pôrto de Paranaguá, no início do sécu'o XIX, era exclusivamente mantido com outros portos brasileiros. Eram, em 1801, navios procedentes, na sua maioria, do Rio de Janeiro, bem como de Santa Catarina, Santos e Pernambuco, totalizando 11 embarcações entradas. No mesmo ano, saíram 16 embarcações, para o Rio de Janeiro, Bahia, Santa Catarina e Santos. Eram tôdas, ainda, pequenas sumacas, lanchas e canoas. Apenas uma galera e um bergantim freqüentaram o pôrto de Paranaguá, em 1801.

A importação realizada era de fazendas, algodão, sal, açúcar e ferragens, procedentes do Rio de Janeiro, Santos, Santa Catarina e Pernambuco, sendo que de mais longe vinha apenas o sal, no valor de 14:967\$720, sendo 66% proveniente do Rio de Janeiro, e 24% de Santos.

A exportação, por sua vez, resumia-se no arroz pilado e com casca, peças de bêtas de embé e tabuado, além de alguma congonha, totalizando o valor de 9:981\$370, sendo 59% do mesmo destinado ao Rio de Janeiro, 23% para a Bahia, 16% para Santos e cêrca de 2% para Santa Catarina. Tal valor, entretanto, representava apenas 1,62% da exportação geral da Capitania de São Paulo.

A conjuntura, porém, logo apresentaria mudanças, em virtude de fatôres externos que sôbre ela irão refletir.

Assim, a abertura dos portos brasileiros e aquela do pôrto de Buenos Aires, além de outros acontecimentos platinos, levaram à abertura também do pôrto de Paranaguá, ao comércio do Prata.

Segundo os registros do pôrto de Montevidéu, em 23 de novembro de 1810, saiu de Paranaguá, carregado com madeiras do litoral, o bergantim português "Princesa Carlota", de 98 toneladas, 9 tripulantes, mestre Antônio Machado, com destino àquêle pôrto, lá entrando em 22 de dezembro.

Quatro embarcações seguiram o mesmo destino, em 1811. Na carga da sumaca espanhola "Nuestra Señora de los Dolores", saída de Paranaguá em 13 de dezembro de 1811, aparece um pequeno carregamento de erva-mate. Esta sumaca fôra, aliás, com carga de sal, a única embarcação que saíra de Montevidéu para Paranaguá, nesse ano.

O cêrco de Montevidéu favorecerá o estabelecimento de relações, uma vez que se vinha desta cidade adquirir gêneros alimentícios em Paranaguá.

De seu lado, os registros do pôrto de Buenos Aires indicam que, em 15 de junho de 1813, a goleta inglesa “Antilope”, mestre Guilherme Toylie, saía de Paranaguá com destino àquêlê pôrto, com madeiras, bêtas e arroz. Logo, porém, em 19 de julho, saía a sumaca portuguesa “Partonisa”, mestre Júlio da Silva Ferreira, com erva-mate, para Buenos Aires. Entradas dêste pôrto em Paranaguá, são registradas sòmente a partir do ano de 1817.

Estava, assim, aberta a navegação de longo curso, entre Paranaguá e o Rio da Prata, mais tarde também com o Pacífico, não mais se interrompendo, a não ser em breves períodos de perturbações político-militares que ocasionaram o bloqueio dos portos platinos no século XIX.

Foram, entretanto, as medidas adotadas por Francia, em relação ao comércio do Paraguai, tornando quase impossível a colocação das ervas paraguaias nos mercados platinos, que levariam à procura da erva paranaense pelos comerciantes do Prata, ampliando as possibilidades de comercialização de produtos paranaenses, através do pôrto de Paranaguá, e depois também daquêlê de Antonina.

Nessa conjuntura, em 1820, veio a Paranaguá, o argentino Francisco Alzagaray que, além da introdução de técnicas de beneficiamento, fabricação e acondicionamento, fundadas em práticas erva-teiras paraguaias e platinas, encaminhou, ainda, em larga escala, a exportação de erva-mate paranaense para o Prata. A Alzagaray, outros se seguiram nos trabalhos do mate, surgindo, em consequência, no litoral, os primeiros “engenhos de soque”, como os de Manuel Miró e de Antônio Ricardo dos Santos, iniciando-se, pois, o aproveitamento industrial da erva, ainda que apenas um beneficiamento pré-primário, e sua efetiva comercialização externa. Antônio Ricardo dos Santos logo estabelece o primeiro soque hidráulico, produzindo 120 arrôbas diárias de erva-mate.

No ano de 1826, embora as dificuldades da Guerra da Cisplatina, decorrido pouco tempo da chegada de Alzagaray, a exportação de erva-mate constituía já a base de todo o comércio exterior da Comarca, através do pôrto de Paranaguá, predominando sôbre os demais gêneros com larga margem, e atingindo 70% do total da exportação paranaense.

O carregamento de erva-mate para o Rio da Prata trouxe ao pôrto de Paranaguá, bergantins, sumacas, galeras, na sua maioria nacionais, mas também embarcações estrangeiras de nacionalidades diversas.

Ante a animação do tráfico, em agosto de 1827, era criada e instalada a Alfândega de Paranaguá, com sede no antigo Colégio dos Jesuítas. Esta Alfândega concentrava e despachava tôdas as em-

barcações entradas e saídas da baía de Paranaguá, até a criação da Mesa de Rendas de Antonina, em 1856.

O isolamento do Paraguai deixava livre o comércio platino para a erva-mate paranaense. Esta vai mais longe, ainda, conquistando o mercado chileno. Alguns navios estrangeiros, desde 1822, levavam erva de Paranaguá para o pôrto de Valparaiso. Foi, porém, um bergantim saído de Paranaguá, o “São José Americano”, com erva-mate, a primeira embarcação a fazer conhecido naquele pôrto, em 27 de julho de 1834, o pavilhão do Império brasileiro.

Dos portos estrangeiros, com os quais mantinha relações, afora carnes sêcas, vindas de Buenos Aires, e algum sal vindo sobretudo de Montevidéu, pouquíssimos produtos eram recebidos, entre os quais, farinha de trigo e couros.

Paranaguá era o empório da Comarca. Exportava erva-mate vinda do planalto e beneficiada em engenhos do litoral, além de arroz, madeiras e bêtas de embé, produtos do litoral, e importava fazendas sêcas e molhadas para fornecimento próprio e das vilas do interior.

No que respeita aos portos do Império, suas maiores relações eram mantidas com o pôrto do Rio de Janeiro, de onde recebia artigos nacionais, além de mercadorias estrangeiras despachadas para consumo. A navegação praticada no pôrto era inteiramente à vela, até 1839, ano em que entrou o primeiro barco a vapor, o “São Salvador”, com 190 toneladas, procedente da ilha de Santa Catarina e com destino ao Rio de Janeiro.

Os anos de 1838 a 1840, apresentaram dificuldades para o comércio exterior do Paraná, em virtude do bloqueio francês ao pôrto de Buenos Aires. Poucas embarcações, apenas 7, saídas de Paranaguá, puderam nesse tempo chegar a Buenos Aires, e de lá nenhuma entrou no pôrto paranaense.

Após a morte de Francia, com as mudanças havidas na orientação política do Paraguai, reentraram as ervas paraguaias nos mercados platinos, perdendo, em consequência, bastante a erva-mate paranaense nas suas possibilidades de colocação no Prata. O mate paraguaio era ali preferido pela sua qualidade, alcançando inclusive melhores preços, naqueles mercados.

Entretanto, no Paraná, o comércio da erva-mate polarizava as atenções, ocupando dois têrços dos capitais em giro, quando, em 1842, foram renovadas, de modo concreto, as tentativas de emancipação político-administrativa da 5.ª Comarca da Província de São Paulo.

2. — MOVIMENTO DO PÔRTO DE PARANAGUÁ.

2.1 *Movimento geral do pôrto.*

No período abrangido pelo presente estudo, meados do século XIX, entre os anos de 1842-1862, já estava o pôrto de Paranaguá participando regularmente do comércio especial de cabotagem, ou inter-provincial. Na década de 1840, cresce bastante o número de embarcações que freqüentavam o pôrto, vindas do próprio Império, ou para êle saídas. Pela primeira vez, no exercício de 1845-1846, o número de embarcações entradas em Paranaguá, procedentes de portos do Império, ultrapassa a uma centena, com 147 barcos, e na década de 1850, o seu número se mantém acima da centena, atingindo a 183, no exercício de 1856-1857. No que respeita à saída de embarcações para os portos do Império, a situação é praticamente a mesma, de tal maneira que o movimento da navegação de cabotagem, em todo o período, foi superior a uma centena de embarcações entrando e saindo do pôrto de Paranaguá, e alcançando o seu ponto máximo no exercício de 1856-1857, com o número total de 326 barcos, com 32.241 toneladas.

Entretanto, quanto à tonelagem das embarcações que realizavam o tráfico de cabotagem, tal ponto somente foi atingido no exercício de 1859-1860, com 54.329 toneladas, para 289 embarcações. No final do período aumentara a tonelagem média das embarcações que freqüentavam o pôrto. Mas êsse final de período, tanto em número, como em tonelagem, apresenta declínio na movimentação de cabotagem no pôrto de Paranaguá.

Quanto à navegação de longo curso, o maior número de embarcações entradas em todo o período, registrou-se logo a princípio do mesmo, no exercício de 1843-1844, 76 barcos, com 17.597 toneladas. A maior tonelagem, porém, verificou-se no exercício de 1845-1846, com 22.988 toneladas, para 74 embarcações.

O maior número de saídas, por sua vez, registrou-se em 1849-1850, com 93 embarcações arqueando 24.461 toneladas. A maior tonelagem, no que tange às embarcações saídas, de longo curso, registrou-se também no exercício de 1845-1846, havendo sido de 27.738 toneladas, para 91 barcos.

Assim, o movimento geral da navegação de longo curso apresenta no exercício de 1845-1846, o maior número de embarcações e a mais alta tonelagem de todo o período, ou seja 165 embarcações, entradas e saídas, com 50.726 toneladas.

A mesma observação de declínio, em número e tonelagem, no final do período, deve ser realizada em relação à navegação de lon-

go curso. O movimento geral do pôrto de Paranaguá, compreendendo a navegação de cabotagem e de longo curso, embarcações entradas e saídas, revela flutuações significativas. São de particular importância aquelas referentes à navegação de longo curso.

O movimento total da navegação de longo curso, teve, nos exercícios de 1845-1846, 1849-1850 e 1854-1855, tanto em número, como em tonelagem, os pontos máximos de ascensão no período, podendo assinalar o primeiro, um ciclo curto de 3 anos; o segundo, o ciclo de 1846-1847 a 1850-1851, e o terceiro, o ciclo de 1852-1853 a 1858-1859. Este último exercício, aliás, assinala em número, mas principalmente em tonelagem, um fundo de depressão.

O exercício de 1851-1852, por sua vez, revela o ponto máximo de outro ciclo curto de 3 anos. Ora, é justamente o tempo das intervenções contra Oribe e Rosas. Verifica-se, pois, que os paranaenses até mesmo intensificavam o comércio da erva-mate, enquanto os políticos e militares faziam a guerra.

A tonelagem é também indicativa destas flutuações, embora menos evidente, no final do período, em virtude do aumento da tonelagem média das embarcações que freqüentavam o pôrto.

A mais alta tonelagem verificada no movimento geral do pôrto, em todo o período, 81.620 toneladas, assinala uma pequena retomada de ascensão havida no exercício de 1859-1860, caindo, entretanto, novamente no seguinte.

Na primeira fase do período, exercícios de 1842-1843 a 1851-1852, foi registrada a média anual de 318 embarcações entradas e saídas do pôrto de Paranaguá, com 50.543 toneladas, também de média anual. Na segunda fase do período, exercícios de 1852-1853 a 1861-1862, estas médias foram respectivamente de 348 embarcações e 55.729 toneladas. A média anual de embarcações de todo o período foi de 339, enquanto que a referente à tonelagem foi de 53.273 toneladas.

Estas médias revelam também, como foi já assinalado parcialmente para a navegação de cabotagem e para a de longo curso, que o final do período, tanto em número de embarcações, como em sua tonelagem, tendência para declínio no movimento geral do pôrto de Paranaguá, embora aumente a tonelagem média por embarcação.

2.2 *Nacionalidade das embarcações.*

Embarcações brasileiras e estrangeiras participavam do tráfico do pôrto de Paranaguá, nos meados do século XIX.

Na navegação de longo curso, as embarcações estrangeiras predominavam em número e tonelagem. Eram de nacionalidades diversas, mas pela freqüência ao pôrto, no que respeita à continuidade

e ao número de viagens realizadas, podem ser destacadas, no período, as embarcações inglesas, americanas, sardas e das Cidades Hanseáticas (hamburguesas, bremenses, dinamarquesas, e outras).

Ainda que declinando no final do período, as embarcações brasileiras têm participação significativa na navegação de longo curso, saindo principalmente para o Rio da Prata.

As embarcações argentinas, chilenas e orientais, embora presentes, sobretudo as últimas, não tiveram porém, no período, maior significação no transporte da erva-mate paranaense.

A navegação de cabotagem era obviamente, durante todo o período, exercida por embarcações nacionais.

2.3 *Procedência e destino das embarcações.*

As embarcações empregadas na navegação de longo curso, procediam, via de regra, do próprio Rio da Prata, vindo a Paranaguá em busca de carregamentos de erva-mate. Esse era também o seu quase exclusivo destino, afora aquelas que se dirigiam ao pôrto de Valparaíso. Poucas embarcações aparecem, no período, indicando procedência ou destino diversos, de longo curso, mesmo assim com escalas intermediárias. Paranaguá não entretinha navegação direta com a Europa ou com os Estados Unidos da América do Norte. As primeiras tentativas de ligação com portos europeus, de modo direto, datam justamente do período.

A procedência e o destino que não aquêles do Rio da Prata e Chile, e este último aparecendo apenas para as saídas, mais frequentes, surgem sob a designação genérica de “possessões portuguesas na África”, e somente na primeira década. Tal fato está ligado à introdução de escravos novos, na costa paranaense.

Na navegação de cabotagem, com o Rio de Janeiro continuam as maiores e mais frequentes relações do pôrto de Paranaguá, seguindo-se os de Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul. Dos portos brasileiros mais distantes, aparecem apenas os da Bahia e Pernambuco, e com menor intensidade e frequência.

2.4 *Navegação com o Rio da Prata.*

O Rio da Prata, com os portos de Buenos Aires e Montevideú, constituía o polo de ligação marítima e comercial, com Paranaguá. A navegação de longo curso dêste pôrto era realizada na sua grande parte com os mesmos. Foi, de fato, significativa a participação do pôrto de Paranaguá no movimento geral de embarcações do Império com o Rio da Prata, no período.

No decênio de 1846-1847 a 1855-1856, quanto ao número total de embarcações entradas e saídas do Império para o Rio da Prata,

o movimento de Paranaguá representou 12,5% do mesmo, e 15,7% do total da respectiva tonelagem.

Navios de nacionalidades diversas empregavam-se no transporte de erva-mate, realizando viagens de ida e volta, entre Paranaguá e os portos platinos, outros que haviam tocado no Rio de Janeiro, também o faziam em Paranaguá, a fim de completarem sua carga com erva-mate paranaense, destinada ao Prata, ou ao Chile.

2.5 *Tipo de embarcações.*

Em todo o decorrer do período continuaram a predominar, no pôrto de Paranaguá, as embarcações à vela. Aquelas movidas à vapor não atingiram, em nenhum dos exercícios do período, a um têrço do número das embarcações entradas e saídas. As embarcações empregadas na condução de cargas eram quase sempre movidas à vela, sendo mais freqüentes os vapores no transporte misto de cargas e passageiros, realizando a navegação costeira.

Os bergantins e sumacas, embora ainda presentes, vão sendo substituídos pelos brigues (brigues, brigues-barcas, brigues-escunas) e pelos patachos, sobretudo em relação à navegação de longo curso.

Os iates, por sua vez, são grandemente empregados naquela de cabotagem, para portos mais próximos, enquanto que as lanchas o eram para os portos do próprio Paraná (Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba).

As embarcações utilizadas na navegação de longo curso, de nacionalidade estrangeira, eram de construção estrangeira. Das embarcações brasileiras, algumas eram de construção nacional, bem assim muitas daquelas da navegação de cabotagem. No período, ainda são encontradas embarcações construídas no antigo estaleiro de Paranaguá, navegando inclusive para o Rio da Prata.

2.6 *Tonelagem das embarcações.*

A tonelagem das embarcações que, no período, freqüentaram o pôrto de Paranaguá, variou entre as mais baixas relativas aos pequenos palhabotes, lanchas e iates que iam desde 13 toneladas, até as mais altas dos brigues e galeras, estas geralmente embarcações estrangeiras de longo curso, e que atingiam a mais de 700 toneladas. Porém, apenas excepcionalmente, ultrapassaram ao milhar, como a galera inglesa "Jane Augusta", de 1.200 toneladas que, em maio de 1847, entrou em Paranaguá, procedente do Rio de Janeiro e com destino a Valparaiso, a fim de realizar carregamentos de erva-mate.

A tonelagem média anual, por embarcação empregada na navegação de cabotagem, foi, na primeira fase do período, de 73 tone-

ladas, e na segunda, de 108 toneladas, ou seja de 92 toneladas para todo o período. Na navegação de longo curso, foi respectivamente de 257 e 286 toneladas, ou seja de 272 toneladas para todo o período.

A tonelagem média anual por embarcação, para todo o período, compreendendo o movimento geral do pôrto, foi de 147 toneladas. Parcialmente, para a navegação de cabotagem foi de 136 toneladas, e de 157 para a de longo curso.

A tonelagem média anual, na primeira fase do período, das embarcações entradas no pôrto de Paranaguá, na navegação de cabotagem, foi de 9.126 toneladas, e das embarcações saídas, de 4.596 toneladas.

Na segunda fase, ou seja de 1852-1853 a 1861-1862, foram respectivamente, de 18.417 e 11.217 toneladas, as médias anuais.

A navegação de longo curso apresentou, por sua vez, a média anual de 16.794 toneladas para as embarcações entradas e 18.497 toneladas para as embarcações saídas, na primeira fase do período. Na seguinte, as médias foram respectivamente de 13.118 e 14.731 toneladas.

O movimento geral do pôrto, como já foi visto, apresentou na primeira fase do período, a tonelagem média anual de 50.453 toneladas, e na seguinte, a de 55.729, enquanto que para todo o período foi assinalada a média anual de 53.273 toneladas, no pôrto de Paranaguá.

2.7 *Equipagem.*

A equipagem dos barcos estrangeiros era, via de regra, constituída por homens livres da mesma nacionalidade da embarcação. Aquela das embarcações brasileiras, por brasileiros, notando-se, porém, a presença de muitos escravos, negros e mulatos, de propriedade geralmente dos mestres, ou dos proprietários das mesmas.

Até certo ponto, pode dizer-se que, no período, conforme a arqueação do barco, variava em número de homens a sua equipagem. Embarcações de maior tonelagem requeriam e apresentavam maior número de tripulantes.

As embarcações brasileiras, em geral de tonelagem mais baixa, tinham um mestre, um contramestre ou piloto, e cêrca de 6 a 9 tripulantes. Algumas vêzes, o mestre era o proprietário da embarcação, na maioria dos casos, porém, nas embarcações nacionais, trabalhava por soldada, ou seja por viagem realizada, redonda (ida e volta), ou não, ou ainda pelo frete alcançado.

Os tripulantes, em geral, trabalhavam por soldada, quando homens livres.

2.8 *Movimento sazonal.*

O pôrto de Paranaguá, situado a 25° e 30' de latitude sul, não apresentava no período estudado, afora aquêles de suas barras e de ventos favoráveis, maiores problemas à navegação em tôdas as épocas do ano.

A erva-mate que constituia o principal produto de exportação, motivando a movimentação do pôrto, segundo as práticas ervateiras locais, era cortada e preparada durante todo o ano, sem preocupações pelas estações mais propícias. Objetivando justamente melhorar a qualidade do mate paranaense, foi baixado o Regulamento de 6 de dezembro de 1854 que determinava, oficialmente, época certa para a poda da árvore do mate, e tomava medidas quanto à sua fabricação.

Realizada a poda nos meses de março a agosto de cada ano, a partir de então, no período, verifica-se no final da safra, ou seja no segundo trimestre do ano, quando somente são reiniciados os trabalhos da mesma e da fabricação da erva-mate, um leve declínio no número das embarcações entradas e saídas do pôrto de Paranaguá.

3. — COMÉRCIO ATRAVÉS DO PÔRTO DE PARANAGUÁ.

3.1 *Situação geral do período.*

Ao iniciar-se a década de 1840, o comércio realizado através do pôrto de Paranaguá, apresentava praticamente a mesma estrutura daquelas anteriores, com a importação de fazendas, couros, sal, ferragens e outros, e exportação sobretudo de erva-mate, madeiras e arroz pilado.

A exportação, porém, revelava certa queda no volume dos principais produtos exportados. E' verdade que o grande mercado consumidor de arrôbas de erva-mate e de alqueires de arroz, encontrava-se, em 1840, em graves dificuldades, quase paralisado o movimento do pôrto de Buenos Aires, pelo bloqueio francês que irá perdurar por todo o ano.

No comércio interno de cabotagem continuavam maiores e mais freqüentes as relações de Paranaguá com o pôrto do Rio de Janeiro, além de Santa Catarina, Rio Grande, Laguna e Rio de São Francisco. E' de notar-se que, desde 4 anos, o pôrto de Santos estava ausente. Assim, tanto na importação, como na exportação, os produtos comercializados de maior importância, eram os mesmos, bem como, em 1840, não se haviam ampliado os mercados consumidores da erva-mate. Pelo contrário, estavam sofrendo restrições.

Os acontecimentos do Prata exerciam influência direta no comércio exterior do Paraná. O novo bloqueio do porto de Buenos Aires, de setembro de 1845 a julho de 1847, por franceses e ingleses, e até junho de 1848, por franceses, se não interrompeu de todo a navegação de Paranaguá com Buenos Aires, prejudicou-a bastante, sobretudo em 1846, quando apenas 3 embarcações saíram para Buenos Aires, e registrou-se apenas uma entrada deste porto. Da mesma maneira, as perturbações políticas do Uruguai, com o sítio e o próprio bloqueio do porto de Montevidéu, nessa década, trouxeram dificuldades, embora não interrompido o fluxo do comércio.

Na primeira fase do período estudado, a exportação paranaense, quanto ao valor, atingiu seu ponto máximo no exercício de 1848-1849, e, na seguinte, no de 1856-1857.

Essa exportação, durante todo o período, em mais de 85% do seu valor, e alcançando 95% do mesmo, era dirigida para fora do Império, constituída basicamente de remessas de erva-mate para o Rio da Prata e Chile.

E' sabido que, de 1841-1850 e de 1851-1860, o mate representava respectivamente 0,9 e 1,6 da exportação total do Império (2).

O Paraná era o seu grande produtor e exportador. Sofria, contudo, nos mercados platinos, a concorrência das ervas paraguaias, ali preferidas pela sua melhor qualidade.

A morte de Francia, em 1840, propiciara a reabertura do comércio de ervas paraguaias no Prata, deslocando aquela do Paraná apenas para as regiões de campanha e para as províncias do norte da Confederação Argentina.

Novas circunstâncias políticas, no Paraguai, entretanto, voltariam a favorecer a erva paraense. O presidente Carlos Lopez, em janeiro de 1846, colocou em mãos do governo paraguaio, o monopólio da exportação de mate, vendendo-o a altos preços. Assim, a exportação de erva paraense que se mantinha estacionária desde 1842-1843, passa a subir no exercício de 1846-1847, atingindo o seu ponto máximo, quanto ao volume de arrôbas, em 1851-1852. Sofre novas oscilações até o final do período que se encerra com declínio na exportação de erva-mate.

No tocante aos valores da importação, êles também atingiram, no período, seus pontos mais altos, nos exercícios de 1848-1849 e 1856-1857, valores êstes representados principalmente por mercadorias estrangeiras importadas por cabotagem.

(2). — Fonte: Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda.

Na Alfândega de Paranaguá, exceto no exercício de 1853-1854, depois da emancipação da Província e até o final do período, as rendas da exportação foram superiores às da importação. O comércio marítimo era, aliás, a principal fonte de ingressos da nova Província, constituindo, do exercício de 1853-1854 ao de 1861-1862, sempre acima de 52,98% da renda geral da mesma.

3.2 *A importação.*

O comércio de importação através do pôrto de Paranaguá era constituído, no período, de três grandes categorias de mercadorias importadas: mercadorias estrangeiras importadas diretamente, mercadorias estrangeiras importadas por cabotagem e mercadorias nacionais também importadas por cabotagem.

A primeira referia-se principalmente a mercadorias vindas do Rio da Prata, ainda que em pequenas quantidades e valores, sobretudo carnes sêcas, sal, couros e farinha de trigo. Do Chile, durante o período, praticamente nada importava o Paraná, nem tão pouco de outros países americanos ou europeus, uma vez que não entretinha navegação direta com os mesmos.

A primeira tentativa de importação direta de mercadorias estrangeiras, foi realizada pela casa importadora Miró e Cia., estabelecida em Paranaguá. Contudo, essa primeira tentativa, efetivada em 1853, não teve êxito, um vez que o “Seine” que transportava as mercadorias, naufragara em viagem. Afinal, a primeira importação direta da Europa foi realizada, em 1854, por meio do “Celerity”, vindo da Inglaterra.

A casa, porém, já em 1859 desistira dessa importação, voltando a fazê-la por intermédio do Rio de Janeiro.

A Província não possuía produto de valor e consumo nos mercados da Europa e Estados Unidos da América do Norte, para poder manter uma contínua e significativa importação direta.

As mercadorias estrangeiras importadas por cabotagem, vinham despachadas para consumo desde, principalmente, o pôrto do Rio de Janeiro que as reexportava funcionando como empório das Províncias. No que toca ao valor da importação, estas mercadorias é que aparecem com maior pêso, apresentando as mais altas porcentagens durante todo o período. Eram as fazendas, chapéus, e ferragens importados por Paranaguá para fornecimento próprio e das vilas do interior da Província, bem como de Curitiba, sua capital.

As mercadorias nacionais importadas por cabotagem eram também, em grande parte, procedentes do Rio de Janeiro. Outros portos, como Santa Catarina, forneciam gêneros alimentícios, como a

própria farinha de mandioca. De exportador, o Paraná tornara-se importador de farinhas, nos meados do século XIX.

A importação geral, em todo o período, compunha-se de alguns produtos dominantes, quais sejam: fazendas e chapéus, carnes, couros, bebidas diversas, açúcar, farinha de trigo, sal, toucinho, velas e ferragens.

A pauta da importação que, até 1840, era praticamente reduzida às fazendas, ferragens e sal, e que, ainda em 1841-1842, apresentava apenas 17 itens de produtos e gêneros importados, começa porém a diversificar-se no período, aumentando o número de gêneros importados, embora sem maior significação quanto ao valor.

A vida paranaense, aos poucos, se torna mais requintada e exigente. Agora já são importadas também as cadeiras austríacas e a louça italiana.

No exercício de 1842-1843, 64 itens dizem respeito à importação de mercadorias estrangeiras e, embora dominem em valor e quantidade aqueles apontados produtos básicos, são importados papel para forrar casas, pinturas à óleo, instrumentos de música, bijuterias e perfumarias.

Nos exercícios de 1845 a 1849, a pauta de mercadorias estrangeiras importadas, atingia a 165 itens, dos quais, porém, somente 73 artigos, ainda que de maneira não contínua, eram importados diretamente pelo pôrto de Paranaguá, os demais vinham da Côrte.

Afora as fazendas para o vestuário e os gêneros para a alimentação, entre os artigos importados, ocupam lugar de importância, os couros para a confecção de “surrões”, necessários ao acondicionamento da erva exportada.

No final da década, no exercício de 1849-1850, o pôrto de Santos está novamente presente nas relações comerciais de Paranaguá, exportando para este, somente gêneros nacionais, como açúcar, toucinho e fumo.

No início da segunda fase do período, exercício de 1852-1853, embora a presença mais numerosa e diversificada dos produtos, mantinha-se a mesma estrutura da importação paranaense. Deve notar-se, entretanto, a crescente importação de gêneros alimentícios. Os trabalhos da lavoura haviam sido deslocados, no Paraná, com a preocupação exclusiva pela erva-mate. A força de trabalho disponível fôra absorvida pela produção ervateira, o que irá condicionar também, no final do período, carestia de gêneros e alta de preços. Com a criação da Província, aumenta a importação de armamentos e de chumbo de munição. Da mesma maneira, também os objetos de adôrno e as jóias de ouro, prata e pedras preciosas aparecem com maior freqüência.

Deve referir-se, ainda, no período, embora com interrupções na primeira década, mas sempre presente na segunda, a importação de moedas metálicas, vindas sobretudo do Rio da Prata, como saldo positivo na balança comercial do Paraná, com os países platinos, ao exportar grandes quantidades e valores de erva-mate, e importar apenas pequenas quantidades e valores de gêneros diversos. Na primeira fase do período, a importação alcançou os seus valores mais altos no exercício de 1848-1849, e na segunda naquele de 1856-1857.

Em todo o período, porém, as maiores porcentagens foram referentes às mercadorias estrangeiras importadas por cabotagem. As mercadorias nacionais importadas por cabotagem alcançaram seu ponto máximo no exercício de 1859-1860 que assinala justamente um momento de depressão nos valores gerais da importação, com 34% do total da mesma. Por sua vez, a importação de mercadorias estrangeiras por cabotagem alcança sua maior porcentagem no exercício de 1854-1855, com 86,86% do total da importação, em um momento de prosperidade da mesma.

3.3 *A exportação.*

O comércio de exportação do Paraná era constituído, no período, de três grandes categorias: mercadorias paranaenses exportadas para fora do Império, mercadorias paranaenses exportadas para o Império, e mercadorias exportadas por reexportação ou baldeação.

A primeira era a mais importante, tanto em volume, como em valor. Em todo o período representou mais de 85% do total do valor das exportações paranaenses pelo pôrto de Paranaguá. Fundamentava-se na exportação de erva-mate para a Argentina, Uruguai e Chile. Do total da exportação de erva paranaense, tanto em quantidades, como em valor, em todo o período, sempre mais de 96% da mesma foi comercializado fora do Império.

Madeiras do litoral e lenha, também eram exportadas para o Prata, esta última sobretudo para o Uruguai, bem como aguardente, arroz pilado e peças de bêtas, em menores quantidades e valores.

No período, estavam já estabelecidas em Paranaguá grandes casas exportadoras desses produtos, como as de Manuel Antônio Pereira, Manuel Antônio Guimarães, Joaquim Américo Guimarães, Manuel Miró, Isaías d'Elia e Irmãos, Chopitea e Pereira, e outras.

A exportação de mercadorias paranaenses para o Império, apenas nos exercícios de 1852-1853 e 1860-1861 atingiu a mais de 10% do valor total da exportação. Era, principalmente, a exporta-

ção de arroz, bêtas, madeiras, cal, telhas, tijolos, e outros. Os primeiros eram enviados sobretudo para o Rio de Janeiro, e os últimos para Santa Catarina.

As mercadorias reexportadas ou baldeadas constituíam a parcela menos significativa, não ultrapassando em todo o período, a 8% do total da exportação. Eram o açúcar, as fazendas e bebidas, principalmente, reexportadas ou baldeadas para outros portos paranaenses, como Guaraqueçaba e Guaratuba, afora eventuais baldeações por avarias nas embarcações transportadoras que se dirigiam a outros portos de destino.

A erva-mate que, desde a década de 1820, constituía o principal produto da exportação paranaense, mantém essa posição durante todo o período. Conforme os dados disponíveis, esteve sempre acima de 76% do total do valor da exportação paranaense. Em volume, era também a maior carga para os navios que frequentavam o pôrto de Paranaguá.

As madeiras do litoral, embora revelem decréscimos porcentuais no final do período, estão sempre presentes, embora não ultrapassem no mesmo, a 8% do valor total das exportações. Segue-se o arroz pilado e com casca, não ultrapassando, porém, a 6% do total da exportação. Os demais gêneros da pauta da exportação paranaense, somente nos exercícios de 1849-1850 e 1854-1855, foram respectivamente a 15 e a 10% do valor total da exportação. Não tinham, pois, maior significação.

No exercício de 1841-1842, a pauta das exportações paranaenses consignava 59 itens, dos quais, porém, mais de 20 diziam respeito às madeiras, como barrotes, braços, caçoeiras, curvas, eixos, pranchões, tabuado, varas, vigas e outros. E' de notar-se a exportação, para o Uruguai, de eixos, massames e raios para carretas.

No exercício seguinte, 1842-1843, a pauta subia para 71 itens, porém, nas mesmas condições. Aquela do exercício de 1844-1845 consigna já 82 itens, sendo 32 de exportação para fora do Império. Dêstes últimos, 14 são variedades de madeiras. Nos exercícios de 1845 a 1850, aparecem, porém, 40 gêneros diversos e mais as madeiras. A pauta cresce, assim, em número e diversifica-se.

A exportação paranaense de erva-mate, na primeira fase do período, representou quanto ao volume, sempre mais de 84% do total das exportações brasileiras do produto, atingindo, porém, a porcentagem mais elevada no exercício de 1853-1854, justamente o da criação e instalação da Província do Paraná, com 97%. Entretanto, a partir de então é visível o declínio da participação da erva paranaense. As ervas do Rio Grande do Sul que também encontram me-

lhor colocação nos mercados platinos, estão em franca concorrência com as do Paraná. De 97% a proporção chega a descer, no período, a apenas 62% do total das exportações brasileiras de erva-mate.

Em relação ao valor da exportação, praticamente a posição é a mesma, sempre na primeira fase, acima de 85%, atingindo a 97% no exercício de 1853-1854, e caindo a 59% apenas, no final do período. Os mercados consumidores da erva paranaense eram sobretudo os da Argentina e Uruguai e, em menor escala de volume e valor, o do Chile. Porém, no exercício de 1857-1858, em um momento de depressão na exportação paranaense, aquela realizada para o Chile quase igualou a do Prata, de certa maneira impedindo um colapso maior nas exportações do Paraná.

A erva-mate exportada para o Império, geralmente para o pôrto do Rio de Janeiro, o era em pequenas carguinhas, de pouco pêso, atingindo somente algumas milhares de arrôbas anuais. Os demais centros brasileiros consumidores de erva-mate, possuíam produção própria, como Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.

No decorrer do período, sobretudo na segunda fase, aparece também a exportação de pequenas importâncias referentes a artigos diversos, para outros portos que não os platinos. Eram, geralmente, Portugal e Inglaterra que importavam chifres e garras de couro, na maior parte das vêzes.

A exportação de cabotagem mantinha-se para os portos do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo.

E' de notar-se que, na última fase do período, tende a diminuir a exportação de bêtas de embé.

Paranaguá permanece durante todo o período como o pôrto importador do Paraná, e seu maior exportador. A partir da instação da Mesa de Rendas de Antonina, ou seja especificamente do exercício de 1856-1857, aparece também êste último como exportador de erva-mate, embora até o final do período, não tenha ainda maior significação.

As exportações de erva-mate paranaense, em todo o período, atingem, quanto ao valor, o seu *maximum* no exercício de 1856-1857, não apenas em decorrência do número de arrôbas exportadas, mas sobretudo pela alta de preços verificada. Sofre, entretanto, violenta queda nos dois exercícios seguintes, embora no primeiro ainda se conservem os preços que caem também no seguinte.

Paranaguá acompanha, assim, as flutuações do Império que, por sua vez, refletem a crise do comércio internacional.

No que respeita ao volume da erva paranaense exportada, o exercício de 1851-1852, apresenta o mais elevado número de arrôbas, caindo, porém, em 1852-1853, voltando a subir no seguinte,

para novamente cair. Após a queda de 1857-1858 e 1858-1859, o volume volta a subir, compensando até certo ponto a queda dos preços. Entretanto, o final do período é assinalado também pelo declínio nas quantidades de erva exportada.

O valor total das exportações paranaenses para fora do Império, apresenta pontos mais elevados de crescimento nos exercícios de 1848-1849, 1851-1852, 1856-1857, aliás o de *maximum* no período, e de 1859-1860. Como êste comércio era, em grande parte, exercido com o Rio da Prata, os mesmos exercícios revelam a marcha também das exportações para os mercados platinos.

No que tange aos preços do principal produto paranaense de exportação, durante tôda a primeira fase e parte inicial da segunda, até o exercício de 1855-1856, os preços médios anuais da erva-mate se mantiveram em baixa, subindo até alcançar seu ponto mais alto em 1857-1858, para caírem violentamente, ainda que não regredindo aos anteriores. Assim, os exercícios de 1850-1851, 1857-1858 e 1861-1862, apresentaram o índices 80, 261 e 131 respectivamente sôbre o exercício-base de 1842-1843.

4. — ESTUDO DA CONJUNTURA.

As obras dos principais economistas praticamente assinalam tôdas os anos de 1810, 1818, 1825, 1837, 1847, 1857, 1866, 1873, 1882 e 1890, no século XIX, como havendo sido anos de crises que evidenciam pontos de *maximum* dos ciclos econômicos.

O período estudado, pois, em relação ao movimento do pôrto de Paranaguá e ao comércio marítimo através do mesmo, comportaria, assim, dois ciclos maiores ou de Juglar, no que tange à economia capitalista ocidental, mais precisamente ao comércio internacional: aquêle de 1842-1848, assinalado pela crise de 1847, e aquêle de 1852-1861, pela crise de 1857, o primeiro situado no *trend* em baixa e o segundo em fase de alta de preços, conforme observou Kondratieff.

A economia brasileira, no século XIX, básicamente fundamentada na exportação de artigos primários, teria sido sensível

“aos impulsos provenientes do exterior..., desempenhando papel passivo nas flutuações econômicas” (3),

recebendo, em consequência, o seu impacto, moderado ou forte, conforme a natureza e a intensidade das mesmas.

(3) . — Schlittler Silva (Hélio), *Tendências e características do Comércio Exterior do Brasil no século XIX*. In “Revista de História Econômica Brasileira”, pág. 5, nº 1, ano I, São Paulo, 1953.

A Comissão encarregada pelo Governo Imperial de estudar os efeitos da crise de 1864-1865, já dizia que, na verdade, o Brasil sofrera apenas as crises de 1821, de 1831-1832 a 1837-1838, e a de 1857-1858, ou seja que aquela de 1847 não tivera maiores repercussões, nem mesmo de pressão monetária. A última, porém, de 1857-1858, fôra ruínosa sobretudo para o comércio exterior do Império (4).

No Paraná, a década de 1840 é assinalada quase que exclusivamente pelo comércio de exportação da erva-mate que se mantém ativo, embora haja dificuldades políticas no Prata, e mesmo o bloqueio dos portos de Buenos Aires e Montevidéu. As reivindicações, porém, dos paranaenses, a partir de 1842, em favor da emancipação político-administrativa da Comarca, são feitas em nome da necessidade da expansão do comércio, cortando-se a dependência de São Paulo que os impedia de progredir.

O monopólio governamental sobre a erva paraguaia, decretado em 1846, em parte concorreu para que o produto paranaense não encontrasse maiores obstáculos de colocação nos mercados p'atinos, até o final da década. Assim, embora presente e visível, até certo ponto, a crise de 1847, refletindo-se no comércio exterior do Paraná, no exercício de 1848-1849, quando a exportação de erva-mate, em valor e quantidade, alcança o ponto máximo do ciclo econômico que se situa entre os anos de 1843-1844 e 1850-1851, os seus efeitos não foram de maior consequência no comércio exterior paranaense. Mais violenta foi, contudo, a flutuação da década seguinte. Tanto no comércio de importação, como no de exportação, o exercício de 1856-1857, apresenta seu ponto máximo, ou de crise, caindo visivelmente em contração no exercício de 1857-1858, e atingindo o fundo da depressão naquele de 1858-1859. O 22 de agosto de 1857, em Nova York, tivera repercussões, induzindo flutuações no comércio exterior paranaense. O ciclo está bem caracterizado: crise de 1856-1857, ciclo de 1852-1853 a 1858-1859.

Nos exercícios de 1856-1857 e 1857-1858, a erva alcança seus preços mais elevados, caindo em 1858-1859, de 5\$365 a arrôba a 3\$327.

Maiores quantidades de erva deverão ser exportadas em 1859-1860 para realizar praticamente os mesmos valores gerais da exportação anterior de erva paranaense para fora do Império.

A alta de preços e a carestia dos gêneros alimentícios são sentidas, no Paraná, desde o segundo semestre do ano de 1857.

(4). — Fonte: Relatório da Comissão encarregada pelo Governo Imperial de estudar a crise. Rio de Janeiro, 1865.

No final do ano, o Presidente da Província, ante a gravidade da situação no Paraná, indagava, em circular, das Câmaras Municipais, acêrca dos motivos que teriam ocasionado a alta de preços e a carestia de gêneros alimentícios.

Ouvido o doutor João Maurício Faivre, francês, fundador da colônia Thereza, o mesmo atribuía a crise ao aumento repentino e extraordinário dos valores monetários, com o ouro da Califórnia e da Austrália, e dizia:

“... só o tempo pode sanar, pelo equilíbrio que forçosamente aparecerá entre o ouro e o trabalho, mas como nêsse momento, o trabalho é caro em proporção ao ouro, o trabalho ou os gêneros que o representam, hão de baixar infalivelmente” (5).

Charles Perret Gentil, suíço, diretor da colônia Superagui, foi também ouvido, atribuindo a alta de preços e a carestia de víveres, à suspensão repentina da introdução de braços escravos, à absorção da escravaria disponível pela lavoura paulista de café, à má orientação do govêrno quanto à política de imigração e colonização, bem como à sua imprevidência, descansando

“... à vista dos rendimentos das Alfândegas e Consulados que sempre apareciam melhores ou equivalentes aos anteriores, em lugar de olhar a quantidade relativa de produtos, reparava a quantidade pecuniária...” ..

E completava suas observações:

“A Província do Paraná é um bom exemplo, quase um espêlho da decadência da produção. Este antigo celeiro... ficou vazio...” (6).

A depressão aparece claramente no relatório do Inspetor da Alfândega de Paranaguá, de 1858:

“O mercado de importação, quer direta, quer de cabotagem, tende visivelmente, pelo menos, a permanecer na deplorável crise em que se acha. As casas do Rio de Janeiro, que fornecem gêneros à crédito para todos os pontos da Província, vendo-se em sérias dificuldades para poder sustentar ílesa a sua reputação, têm-se desviado, na presente conjuntura, da norma até aqui invariável e tão prudentemente seguida, e que tanto concorrera para as apertadas circunstâncias em que estão muitos negociantes do Paraná, e em-

(5). — Carta do doutor João Maurício Faivre ao Presidente da Câmara Municipal de Guarapuava. In *Ofícios-1858*. Departamento do Arquivo Público do Estado do Paraná.

(6). — Carta de Charles Perret Gentil ao Presidente da Câmara Municipal de Paranaguá. In *Ofícios-1858*. Departamento do Arquivo Público do Paraná.

pregam tôda diligência e esforços para realizar suas cobranças ou reaver os gêneros vendidos. Debaixo dessa pressão, o comércio de-finha, e as rendas públicas ressentem-se naturalmente dêsse estado de cousas..." (7).

No relatório referente ao ano de 1859, o mesmo agente alfandegário observava o desânimo em que se encontrava o comércio paranaense, sobretudo de exportação de erva-mate que não mais oferecia lucros compensadores, sendo mesmo poucas as remessas de erva que haviam salvo o capital empregado, e

"... tanto é êste acêrto, que tenham abandonado as remessas por conta própria, e só o fazem por conta de outrem...".

A importação também se encontrava paralisada, embora apresentando alta de preços,

"... não só nas manufaturas, como nos gêneros alimentícios, talvez devido à baixa de preços que tenham sofrido nos mercados consumidores das praças européias, os produtos dêste Império" (8).

A crise de 1857 afetara, pois, de modo direto e em profundidade o comércio paranaense, e seus efeitos eram sentidos e observados pelos contemporâneos. Os dados estatísticos disponíveis sôbre a conjuntura, por sua vez, evidenciam concretamente tal repercussão. O período de depressão deverá durar, como se depreende dos relatórios seguintes da Alfândega de Paranaguá e da Presidência da Província. Aliás, sômente a conjuntura da Guerra do Paraguai, reanimando as exportações de erva-mate paranaense para o Rio da Prata, irá proporcionar novos tempos de prosperidade ao comércio exterior do Paraná, embora deslocadas dêsse tráfico as embarcações brasileiras, pelas estrangeiras.

5. — CONCLUSÃO.

Do exposto, conclui-se que o movimento de navios e, sobretudo, de mercadorias, no pôrto de Paranaguá, nos meados do século XIX, justamente quando se fazia a emancipação político-administrativa da Província do Paraná, refletiu as oscilações da economia capitalista ocidental, assinaladas pelas crises de 1847 e 1857, principalmente no que se refere a esta última.

(7). — Relatório de Francisco Gonçalves de Araújo, Inspetor da Alfândega de Paranaguá. In *Ofícios-1858*. Departamento do Arquivo Público do Paraná.

(8). — Relatório de Francisco Gonçalves de Araújo, Inspetor da Alfândega de Paranaguá. In *Ofícios-1859*. *Idem*.

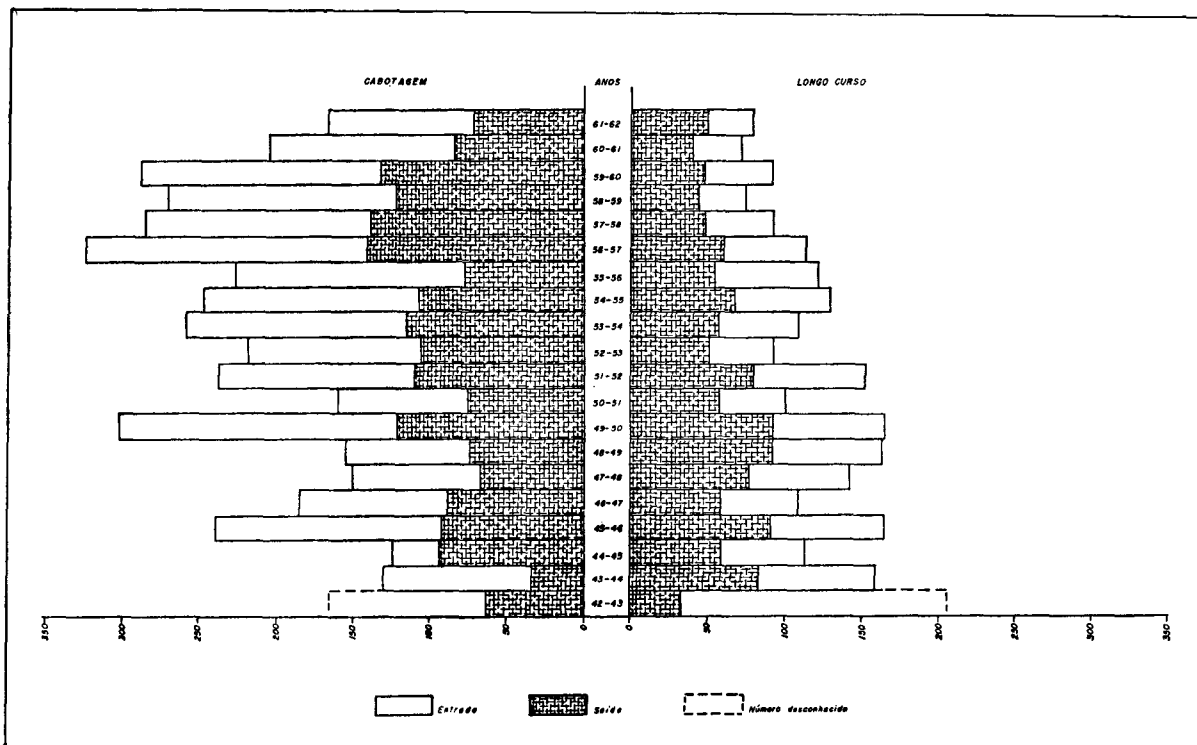


Gráfico nº 1. — Movimento do porto de Paranaguá: número de embarcações.

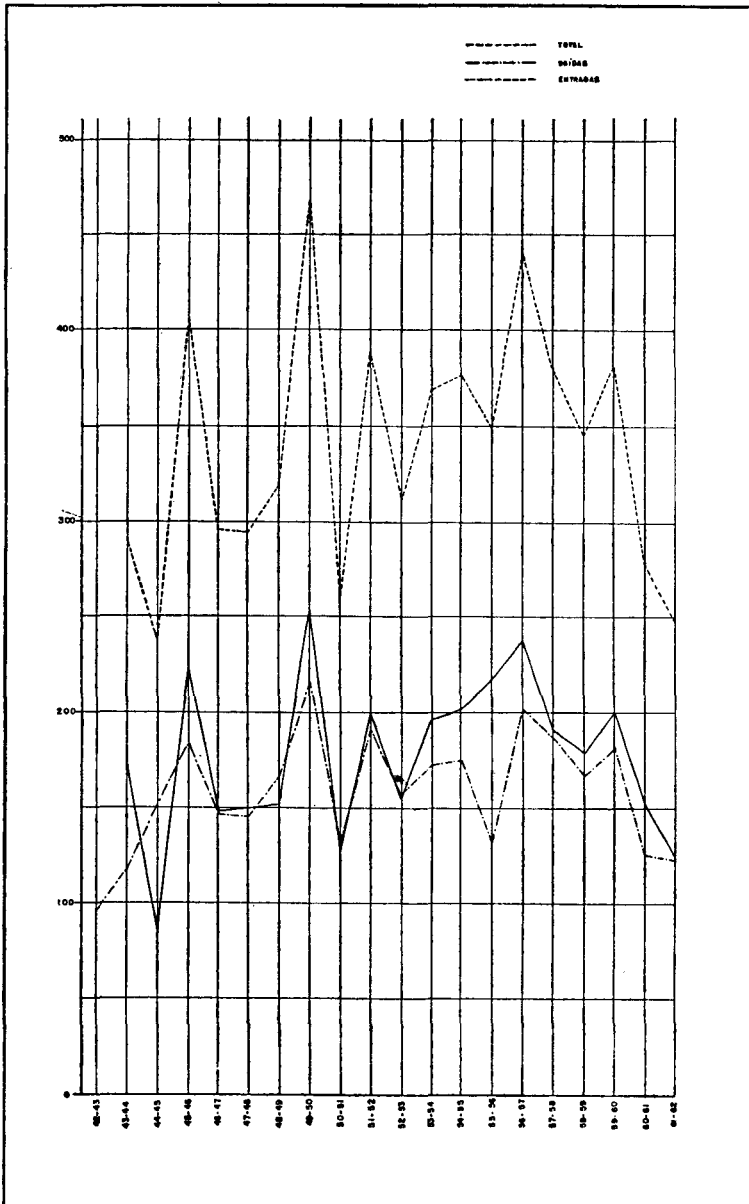


Gráfico nº 2. — Movimento do porto de Paranaguá: número total de embarcações.

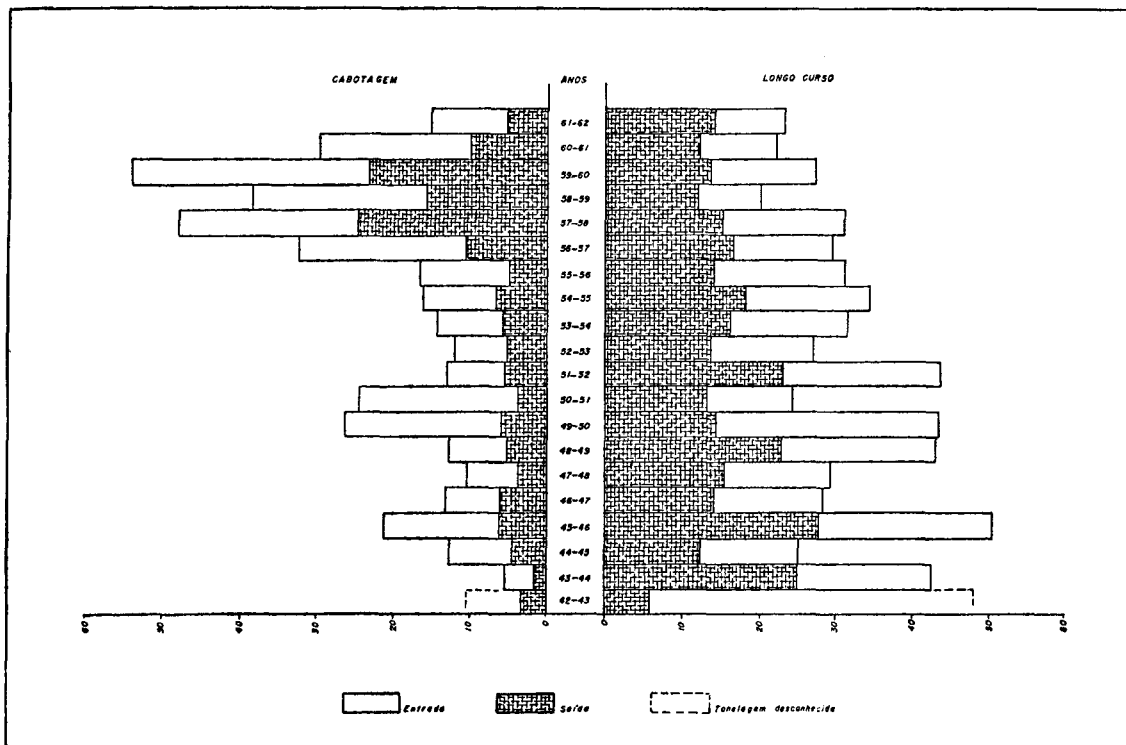


Gráfico nº 3. — Movimento do porto de Paranaguá: tonelage das embarcações.

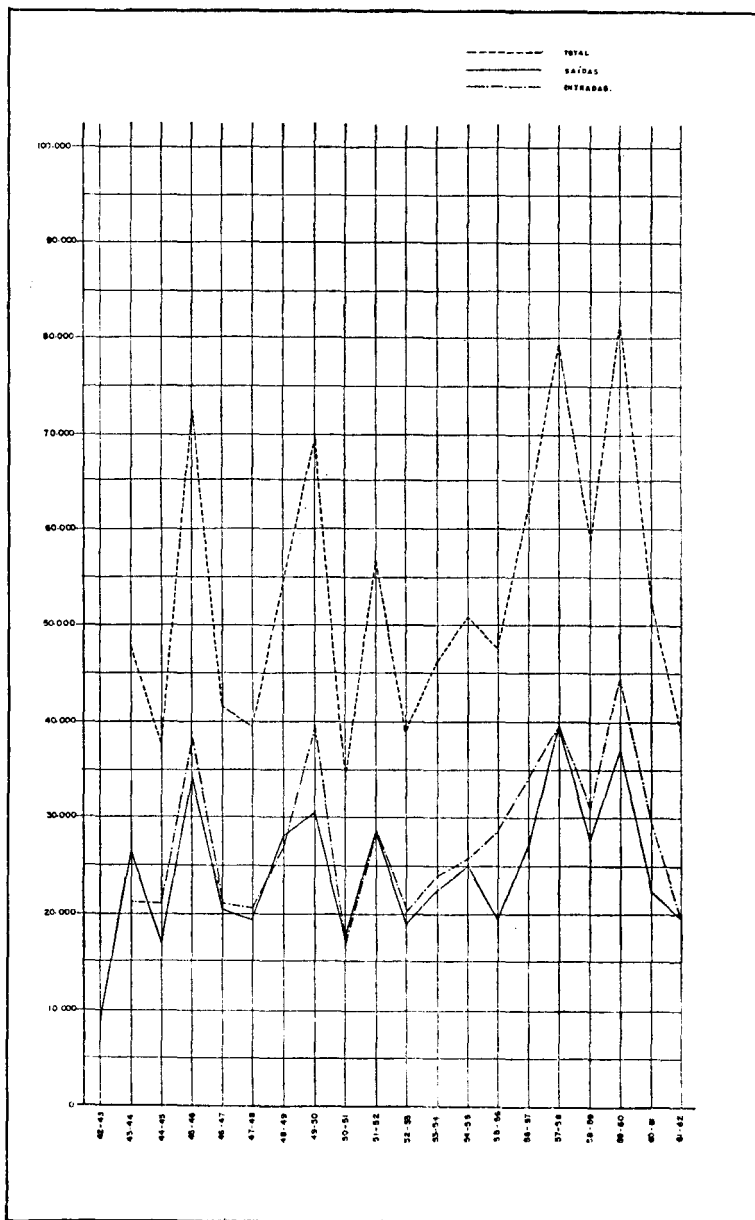


Gráfico nº 4. — Movimento do pórtio de Paranaguá: tonelagem total das embarcações.

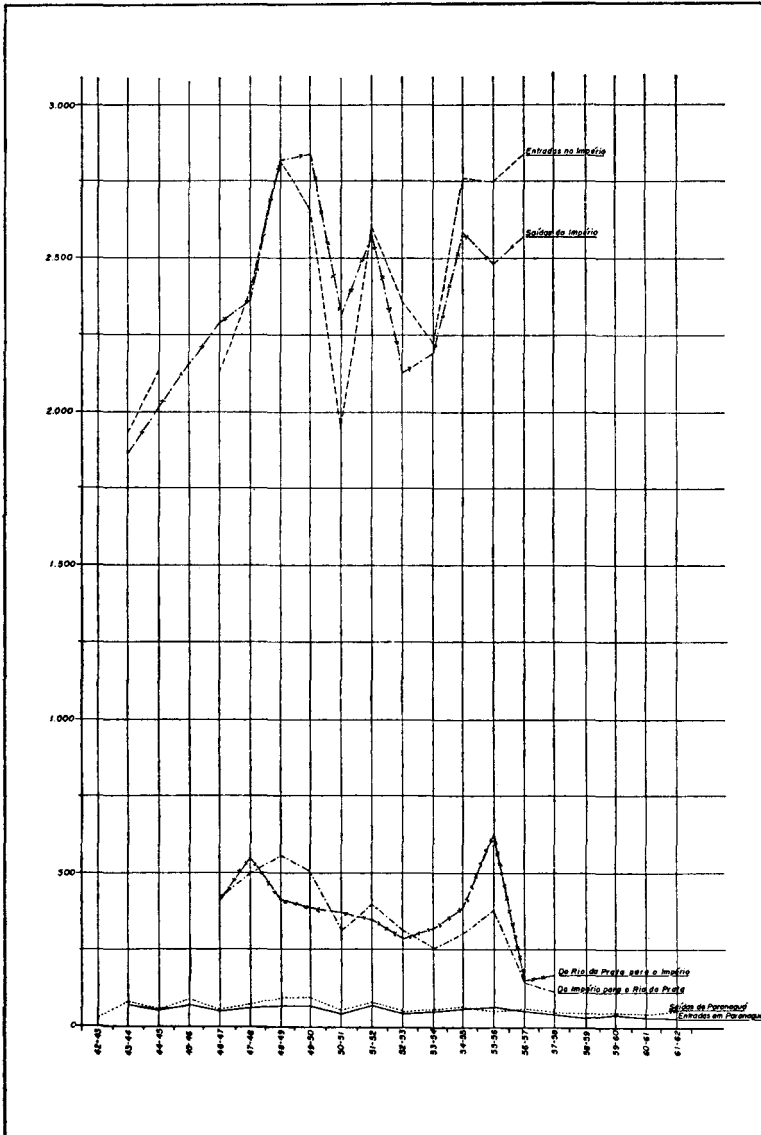


Gráfico nº 5. — Paranaíba na navegação de longo curso do Império: número de embarcações.

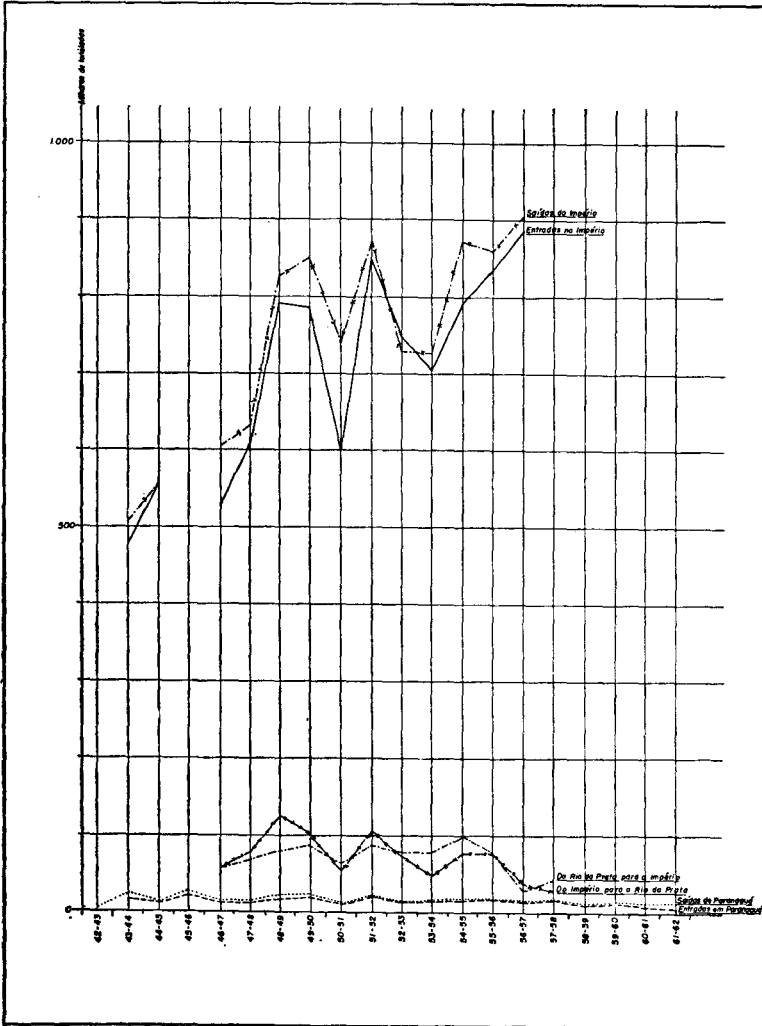


Gráfico nº 6. — Paranaguá na navegação de longo curso do Império: tonelagem.

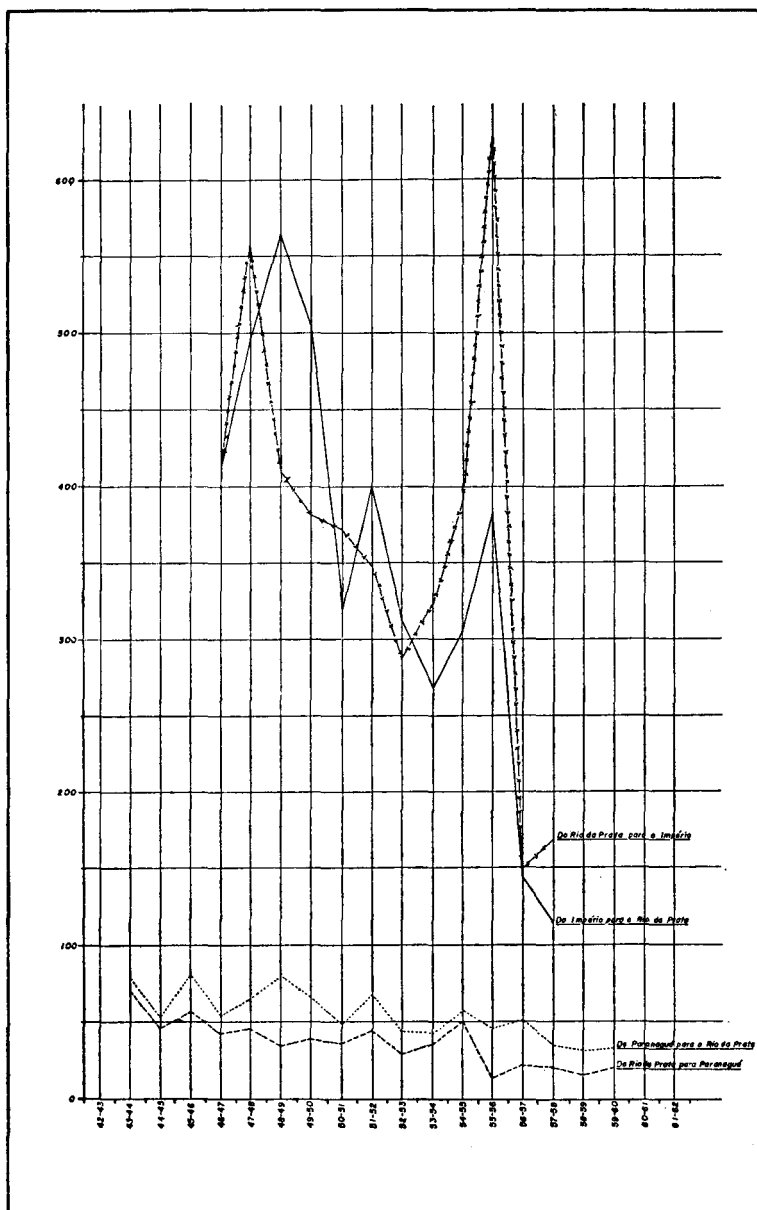


Gráfico nº 7. — Navegação com o Rio da Prata: número de embarcações.

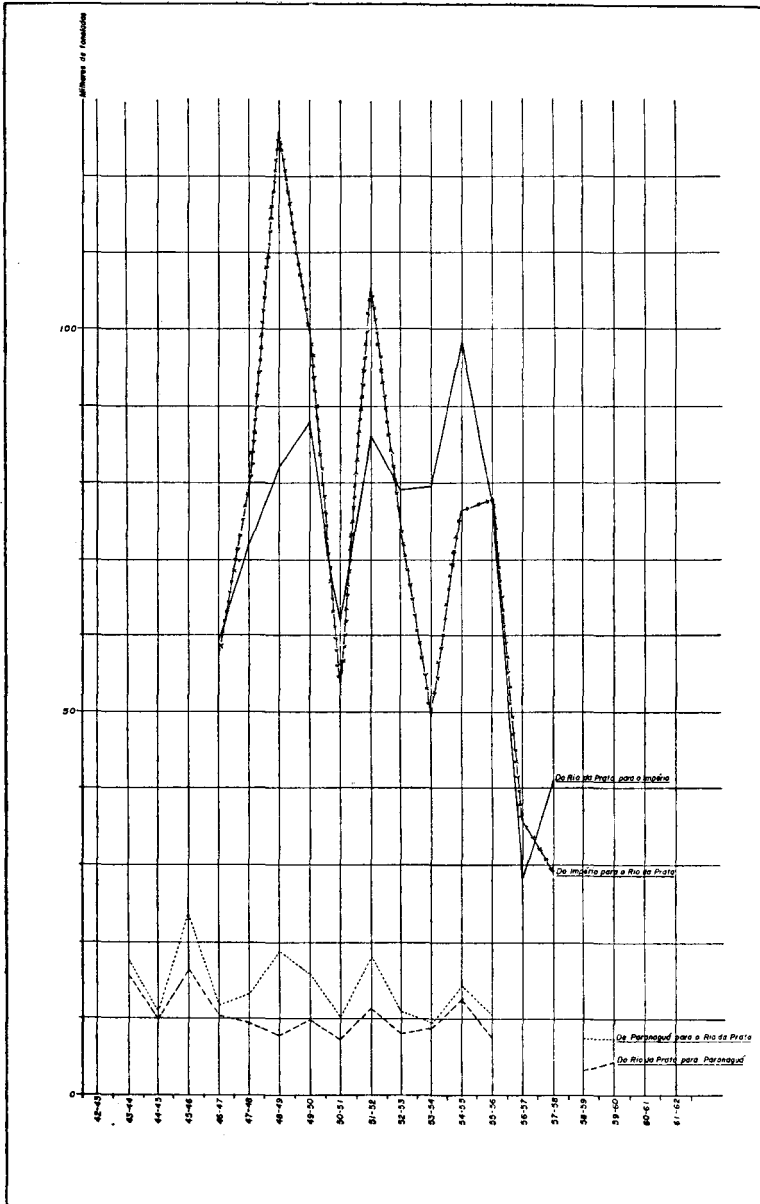


Gráfico nº 8. — Navegação com o Rio da Prata: tonelagem.

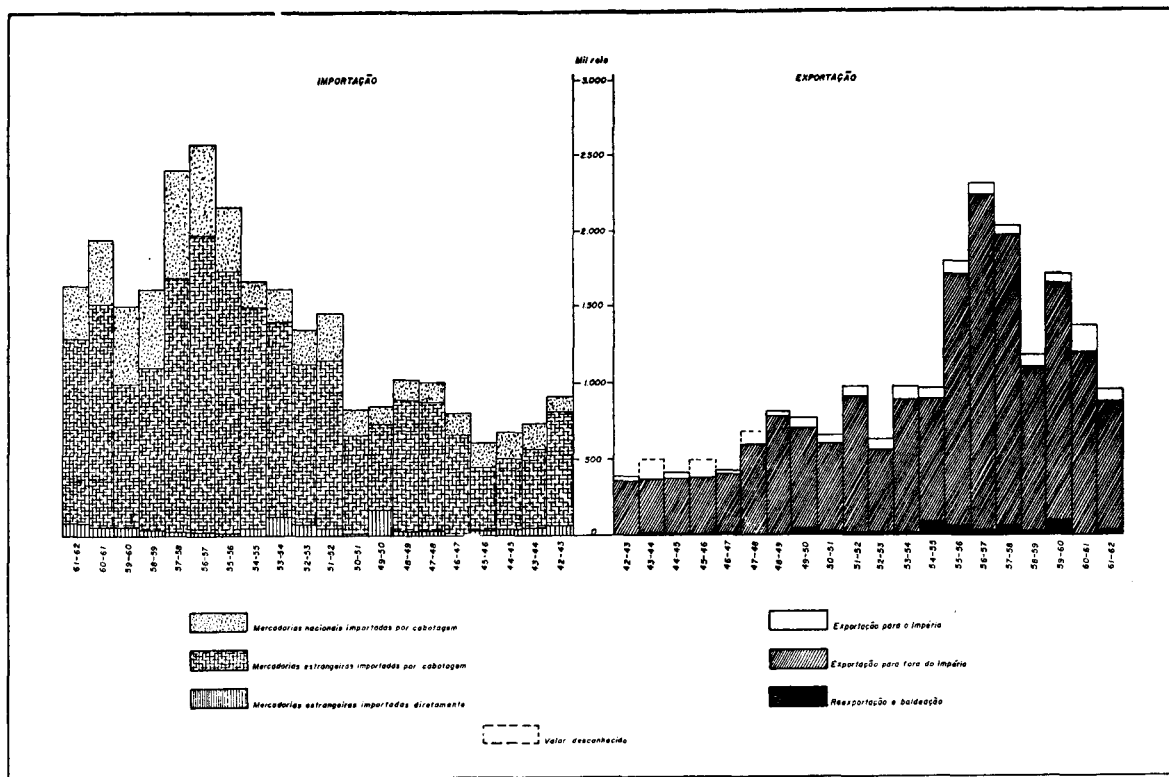


Gráfico nº 9. — Comércio paranaense através do pórtio de Paranaguá: valor.

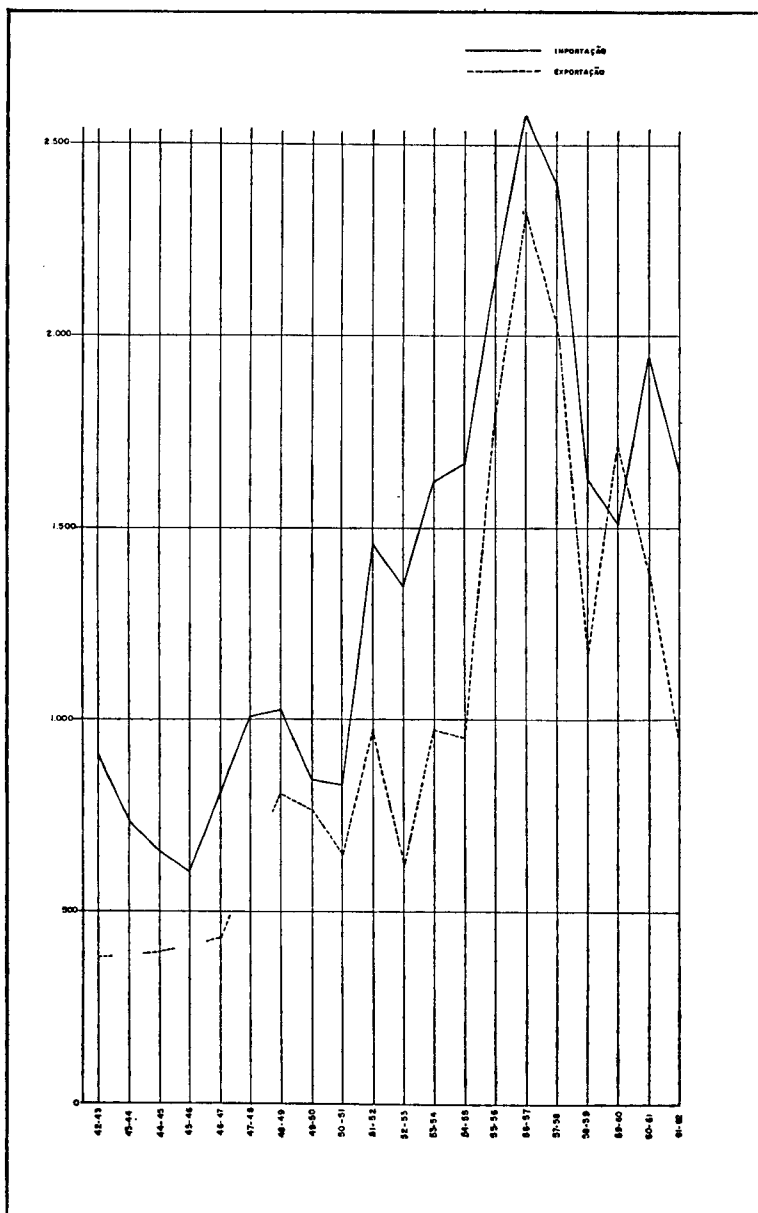


Gráfico nº 10. — Comércio paranaense através do pórt de Paranaguá: valor total.

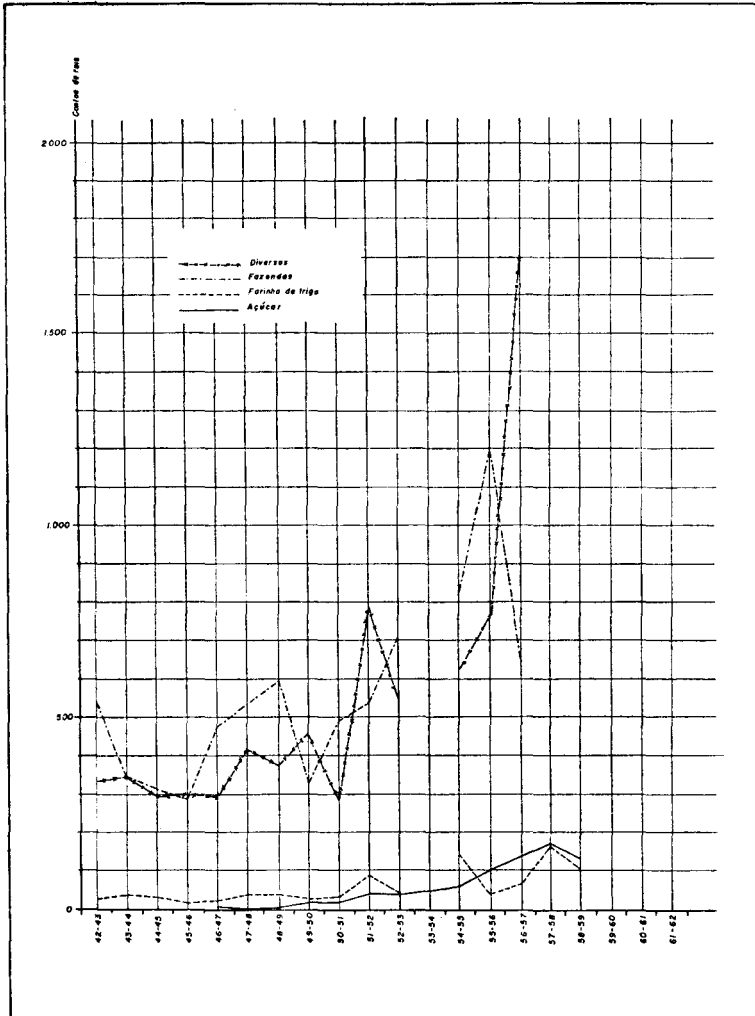


Gráfico nº 11. — Principais produtos da Importação paranaense: valor

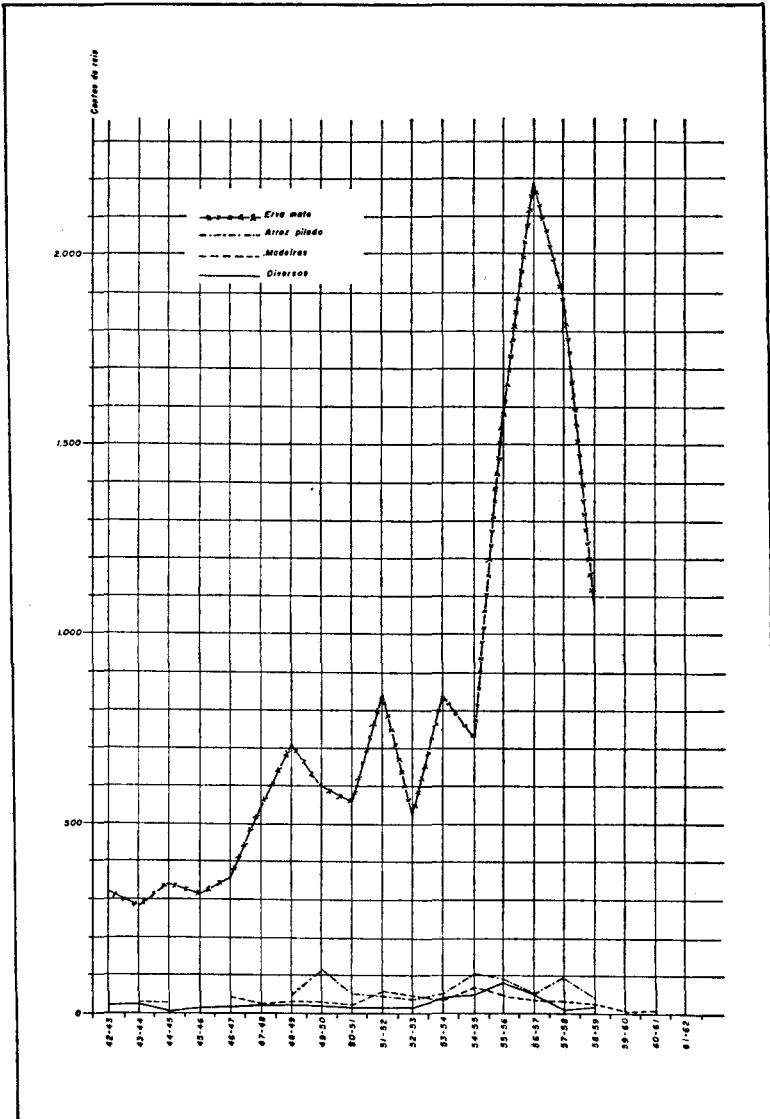


Gráfico nº 12. — Principais produtos da Exportação paranaense: valor.

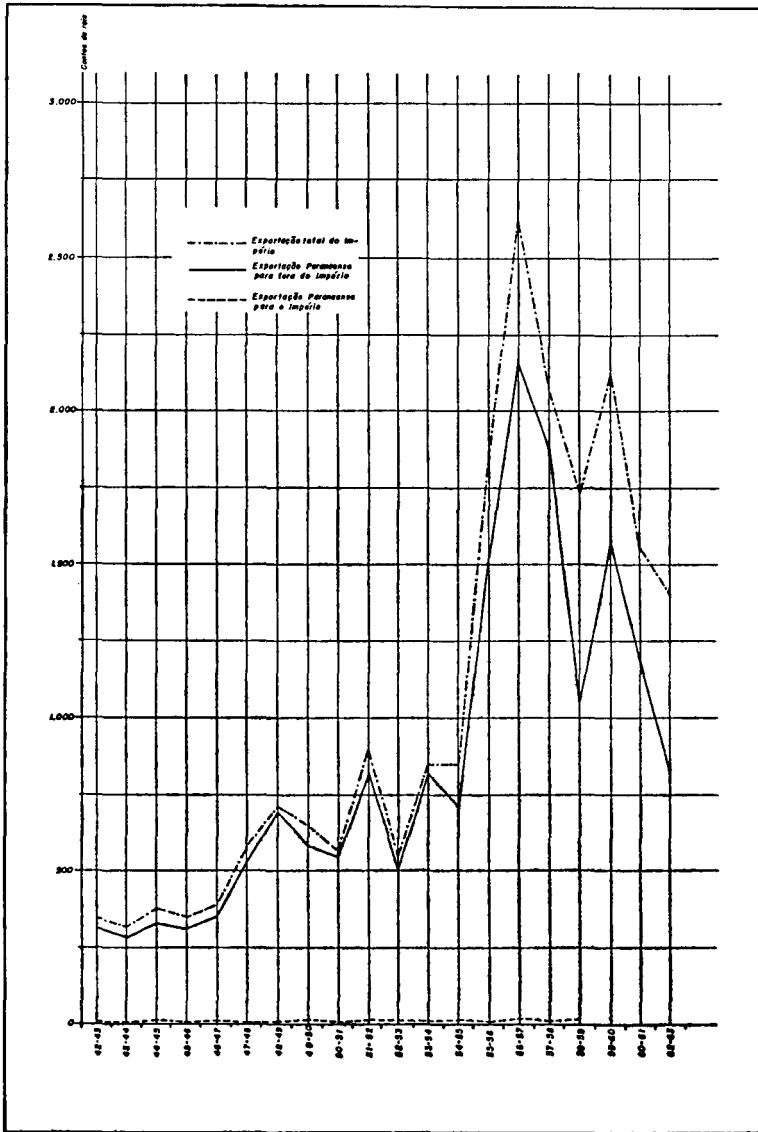


Gráfico nº 13. — Exportação de erva-mate: valor.

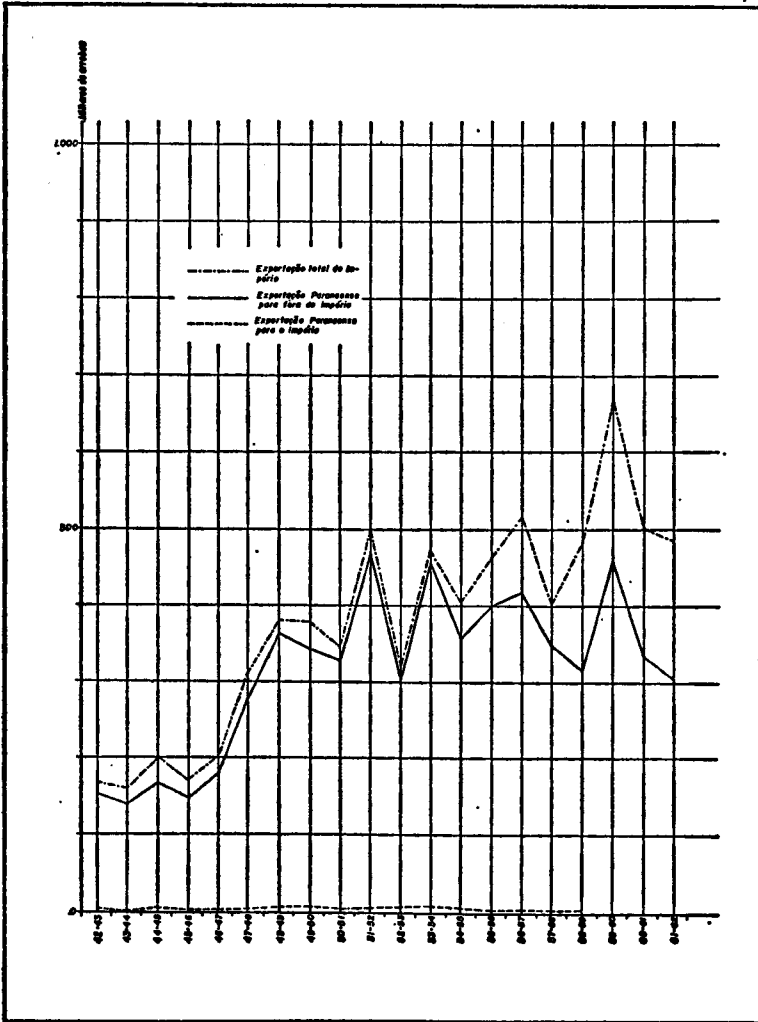


Gráfico nº 14. — Exportação de erva-mate: volume.

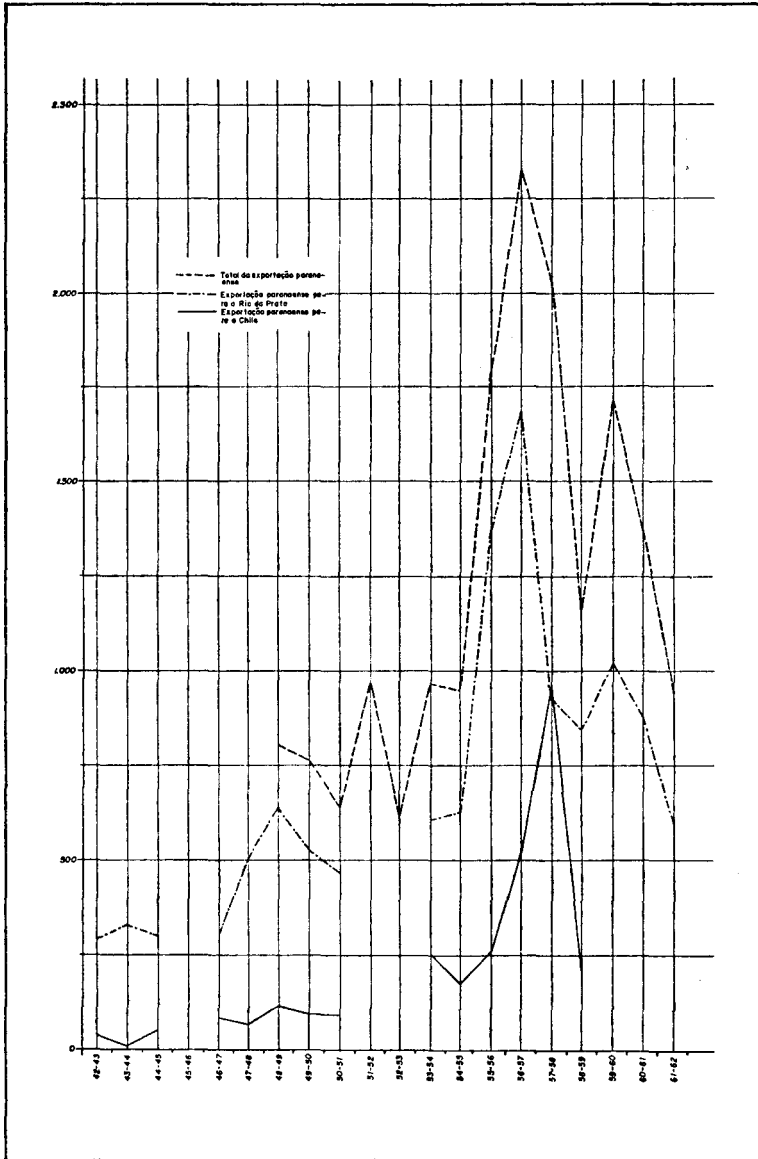


Gráfico nº 15. — Exportações paranaenses para o Rio da Prata e Chile: valor.

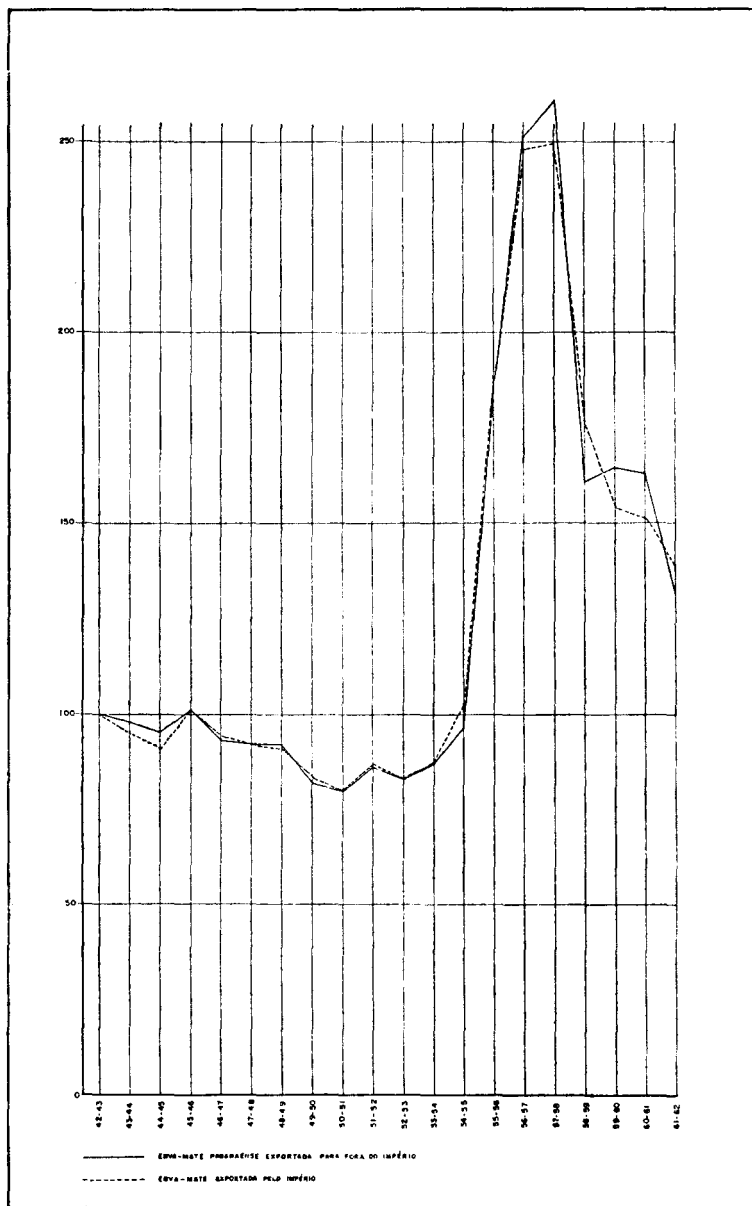


Gráfico nº 16. — Exportação de erva-mate: índice de preços.

QUADRO Nº 1.

MOVIMENTO GERAL DO PÓRTO DE PARANAGUÁ.

Anos	Entradas									Saídas									Total									
	Longo Curso			Cabotagem			Total			Longo Curso			Cabotagem			Total			Longo Curso		Cabotagem		Total					
	N.º	Ton.	Eq.	N.º	Ton.	Eq.	N.º	Ton.	Eq.	N.º	Ton.	Eq.	N.º	Ton.	Eq.	N.º	Ton.	Eq.	N.º	Ton.	Eq.	N.º	Ton.	Eq.	N.º	Ton.	Eq.	
1842-1843	32	5.817	...	64	3.223	...	96	9.040
1843-1844	76	17.597	...	96	3.868	...	172	21.465	...	83	24.995	...	35	1.502	...	118	26.497	...	159	42.592	...	131	5.370	...	290	47.962	...	
1844-1845	55	12.675	...	31	8.402	...	86	21.077	...	58	12.498	...	94	4.403	...	152	16.901	...	113	25.173	...	125	12.805	...	238	37.978	...	
1845-1846	74	22.988	...	147	15.063	...	221	38.051	...	91	27.738	...	93	6.337	...	184	34.075	...	165	50.726	...	240	21.400	...	405	72.126	...	
1846-1847	51	13.763	...	97	7.290	...	148	21.053	...	58	14.485	...	89	6.079	...	147	20.564	...	109	28.248	...	186	13.369	...	295	41.617	...	
1847-1848	66	13.731	758	83	6.626	...	149	20.357	...	77	15.540	879	68	3.842	...	145	19.382	...	143	29.271	1.637	151	10.468	...	294	39.739	...	
1848-1849	71	19.253	839	81	7.399	...	152	26.652	...	92	22.940	1.011	74	5.180	...	166	28.120	...	163	43.193	1.850	155	12.579	...	318	54.772	...	
1849-1850	72	19.107	865	180	20.325	...	252	39.432	...	93	24.461	1.065	122	5.981	...	215	30.442	...	165	43.568	1.930	302	26.306	...	467	69.874	...	
1850-1851	44	11.065	527	84	5.738	...	128	16.803	...	57	13.393	675	76	3.773	...	133	17.166	...	101	24.458	1.202	160	9.511	...	261	33.969	...	
1851-1852	73	20.697	861	126	7.421	792	199	28.118	1.653	80	23.100	1.036	111	5.634	664	191	28.734	1.700	153	43.797	1.897	237	13.055	1.426	390	56.852	3.353	
1852-1853	42	13.178	516	113	6.978	641	155	20.156	1.157	51	13.861	588	106	5.030	562	157	18.891	1.150	93	27.039	1.104	219	12.008	1.203	312	39.047	2.307	
1853-1854	52	15.421	566	144	8.618	891	196	24.039	1.457	57	16.308	649	116	5.865	599	173	22.173	1.248	109	31.729	1.215	260	14.483	1.151	369	46.211	2.366	
1854-1855	62	16.291	658	140	9.607	1.056	202	25.898	1.714	67	18.297	711	108	6.723	641	175	25.020	1.352	129	34.588	1.369	248	16.330	1.697	377	50.918	3.066	
1855-1856	68	16.823	676	149	11.540	1.067	217	28.363	1.743	54	14.282	566	78	4.977	426	132	19.259	992	122	31.105	1.242	227	16.517	1.493	349	47.622	2.735	
1856-1857	54	12.973	586	183	21.768	1.507	237	34.741	3.093	60	16.669	638	142	10.653	836	202	27.322	1.474	114	29.642	1.224	325	32.421	2.343	439	62.063	3.567	
1857-1858	45	15.697	473	146	23.667	1.569	191	39.364	2.042	48	15.340	497	139	24.538	1.480	187	39.878	1.977	93	31.037	970	286	48.008	3.049	379	79.045	4.019	
1858-1859	31	8.231	314	148	22.706	1.545	179	30.937	1.859	44	12.049	456	123	15.624	1.524	167	27.673	1.980	75	20.280	770	271	38.330	3.383	346	58.610	4.153	
1859-1860	44	13.421	419	156	31.101	2.010	200	44.522	2.429	48	13.778	456	133	23.228	1.689	181	37.006	2.145	92	27.291	875	289	54.329	3.699	381	81.620	4.575	
1860-1861	31	9.986	349	120	19.710	1.209	151	29.696	1.558	41	12.445	409	85	10.131	615	126	22.576	1.024	72	22.431	758	205	29.841	1.824	277	52.272	2.582	
1861-1862	30	9.155	279	94	10.054	615	124	19.209	894	50	14.277	505	73	5.398	426	123	19.675	931	80	23.432	784	167	15.452	1.041	247	39.884	1.826	

... = desconhecido.

QUADRO Nº 2.
MOVIMENTO DO PÔRTO DE PARANAGUÁ.
MÉDIAS ANUAIS NO PERÍODO.

PERÍODO	ENTRADAS						SAÍDAS						TOTAL					
	LONGO CURSO		CABOTAGEM		TOTAL		LONGO CURSO		CABOTAGEM		TOTAL		LONGO CURSO		CABOTAGEM		TOTAL	
	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.
1842-52	65	16.794	89	9.126	167	25.890	72	18.497	83	4.596	155	23.092	141	36.781	187	13.874	318	50.543
1853-62	46	13.118	159	18.417	185	29.192	52	14.731	110	11.217	162	25.447	98	27.858	250	27.772	348	55.729
1842-62	55	14.845	132	13.046	177	27.628	62	16.614	96	7.906	156	24.520	118	32.084	220	21.192	339	53.273

QUADRO Nº 3.
MOVIMENTO DO PÓRTO DE PARANAGUÁ.
NAVEGAÇÃO DE LONGO CURSO.
NACIONALIDADE DAS EMBARCAÇÕES.

ANOS	NACIONAIS						ESTRANGEIRAS						TOTAL					
	ENTRADAS		SAÍDAS		TOTAL		ENTRADAS		SAÍDAS		TOTAL		ENTRADAS		SAÍDAS		TOTAL	
	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.	Nº	TON.
1842-43	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	32	5.817	—	—
1843-44	21	3.717	29	5.122	50	8.839	55	13.880	54	13.497	109	27.377	76	17.597	83	24.995	159	42.592
1844-45	24	4.273	34	6.283	58	10.556	31	8.402	24	6.215	55	14.617	55	12.675	59	12.498	113	25.173
1845-46	28	5.719	30	6.041	58	11.760	44	16.595	61	21.695	105	38.290	74	22.988	91	27.738	165	50.726
1846-47	19	3.423	26	4.720	45	8.143	32	10.340	32	9.765	64	20.105	51	13.763	58	14.485	109	28.248
1847-48	33	5.719	45	7.870	78	13.589	33	8.012	32	7.670	65	15.682	66	13.731	77	15.540	143	29.271
1848-49	18	3.184	45	8.604	63	11.788	53	16.069	47	14.336	100	30.405	71	19.253	92	22.940	163	43.193
1849-50	22	5.036	45	10.335	67	15.371	50	14.071	48	14.126	98	28.197	72	19.107	93	24.461	165	43.568
1850-51	12	2.375	25	5.099	37	7.474	32	8.690	32	8.294	64	16.894	44	11.065	57	13.393	101	24.458
1851-52	15	3.040	22	4.029	37	7.069	58	17.657	58	18.171	116	35.828	73	20.697	80	23.100	153	43.797
1852-53	15	3.564	26	5.514	41	9.078	27	9.614	25	8.347	52	17.961	42	13.178	51	13.861	93	27.039
1853-54	29	5.935	36	7.497	65	13.432	23	9.486	21	8.811	44	18.297	52	15.421	57	16.308	109	31.729
1854-55	25	5.378	29	6.568	54	11.946	37	10.913	38	11.709	75	22.622	62	16.291	67	18.297	129	34.588
1855-56	31	6.017	24	—	55	—	37	—	30	—	67	—	68	16.823	54	14.282	122	31.105
1856-57	—	—	30	—	—	—	—	—	30	—	—	—	54	12.973	60	16.669	114	29.642
1857-58	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	45	15.697	48	15.340	93	31.037
1858-59	13	2.771	24	5.855	37	8.626	12	—	16	—	—	—	31	8.231	44	12.049	75	20.280
1859-60	5	1.378	16	2.027	21	3.405	39	12.043	32	11.751	71	23.794	44	13.421	48	13.778	92	27.291
1860-61	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	31	9.986	41	12.445	72	22.431
1861-62	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	30	9.155	50	14.277	80	23.432

Observações: Os dados parciais de 1858-59 referem-se a 11 meses, e o total a 12 meses.

— = desconhecido.

QUADRO Nº 4.
 MOVIMENTO DO PÔRTO DE PARANAGUÁ.
 NAVEGAÇÃO DE LONGO CURSO.
 NACIONALIDADES DAS EMBARCAÇÕES.

Nacionalidades	ENTRADAS					SAÍDAS					TOTAL				
	45 46	49 50	53 54	58 59	59 60	45 46	49 50	53 54	58 59	59 60	45 46	49 50	53 54	58 59	59 60
	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.	N.
Americana	8	10	—	—	4	9	7	—	—	3	17	17	—	—	7
Argentina	—	1	—	1	2	—	2	—	1	2	—	3	—	2	4
Austríaca	—	2	—	—	—	4	2	—	—	—	4	4	—	—	—
Belga	2	2	1	—	1	2	2	1	—	1	4	4	2	—	2
Bremense	—	—	1	1	2	2	—	1	1	2	2	—	2	2	4
Chilena	2	—	1	—	1	2	—	1	—	—	4	—	2	—	1
Dinamarquesa	2	2	1	2	5	5	2	1	2	5	7	4	2	4	10
Espanhola	—	—	3	3	5	—	—	4	4	6	—	—	7	7	11
Francesa	2	2	1	—	—	2	2	1	—	—	4	4	1	—	—
Hamburguesa	5	1	4	1	6	8	2	2	2	5	13	3	6	3	11
Hanoveriana	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1
Holandesa	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Inglesa	4	7	7	3	4	4	8	8	4	4	8	15	15	7	8
Jerusaletiana	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—
Lubeckense	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—	—	—
Norueguesa	1	1	1	—	—	—	—	—	—	—	1	1	1	—	—
Oldenburguesa	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—
Oriental	12	3	—	—	1	1	4	—	—	—	13	7	—	—	1
Peruana	1	—	—	—	—	1	—	—	—	—	2	—	—	—	—
Portuguesa	—	2	—	—	1	—	1	—	—	1	—	3	—	—	2
Prussiana	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Romana	—	3	—	—	—	—	3	—	—	—	—	6	—	—	—
Russa	—	2	2	—	—	—	2	—	—	—	—	5	2	—	—
Sarda	7	10	1	1	—	12	9	1	1	—	19	19	2	2	—
Sueca	—	1	—	—	3	8	1	—	—	2	8	2	—	—	5
Toscana	—	1	—	—	2	—	1	—	—	1	—	2	—	—	3
Brasileira	28	22	29	13	5	30	45	36	24	16	58	67	65	37	21
Total	74	72	52	25	44	91	93	57	40	48	165	165	109	65	92

QUADRO Nº 6.
MOVIMENTO DO PÔRTO DE PARANAGUÁ.
NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM.

PORTOS	ENTRADAS										SAÍDAS										TOTAL						
	43	46	49	53	55	56	57	58	59	43	46	49	53	55	56	57	58	59	43	46	49	53	55	56	57	58	59
Bahia	9	—	2	—	—	—	—	—	—	11	—	—	—	—	—	—	—	—	20	—	2	—	—	—	—	—	—
Pernambuco	—	2	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	1	—	—	—	1	—	—
Rio de Janeiro	35	50	87	54	80	88	84	67	94	24	34	47	46	33	53	69	39	59	59	84	134	100	113	141	153	106	153
Rio G. do Sul	1	11	7	2	—	1	2	2	—	—	20	9	—	1	4	7	2	3	1	31	16	2	1	5	9	4	3
Sta. Catarina	28	14	36	48	42	68	44	17	30	—	20	28	43	34	58	54	26	41	28	34	63	91	76	126	98	43	71
São Paulo	—	—	32	37	22	20	12	15	8	—	—	25	22	7	14	3	8	4	—	—	57	59	29	34	15	23	12
Vitória	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—
Portos Paraná	23	—	14	3	5	6	3	1	—	—	—	13	5	3	13	6	3	1	23	—	27	8	8	19	9	4	1
Diversos	—	20	—	—	—	—	—	43	24	—	15	—	—	—	—	—	43	25	—	35	—	—	—	—	—	86	49
TOTAL	96	97	180	144	149	183	146	145	156	35	89	122	116	78	142	139	121	133	131	186	302	260	227	325	285	266	289

Observações: 58-59 — 11 meses, exceto setembro.
— Inexistente.

QUADRO Nº 5.

MOVIMENTO DO PÓRTO DE PARANAGUÁ.
NAVEGAÇÃO DE LONGO CURSO.

Portos	ENTRADAS											SAÍDAS											TOTAL																	
	43	44	45	46	47	48	49	53	55	56	57	58	59	43	44	45	46	47	48	49	53	55	56	57	58	59	43	44	45	46	47	48	49	53	55	56	57	58	59	
Batávia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	—	—	—	—		
Bélgica	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
Bolívia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
Costa África	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
Espanha	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
Estados Unidos	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
França	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—		
Grã-Bretanha	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
México	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Portugal	—	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Pos. Esp. América	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Pos. Ing. América	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pos. Ing. África	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pos. Ing. Ásia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pos. Ing. Europa	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pos. Ing. Oceania	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pos. Port. África	1	2	1	—	—	1	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Rio da Prata	71	47	57	42	47	35	39	36	34	..	21	16	20	80	54	81	54	66	82	67	43	46	52	35	33	34	151	101	138	96	113	117	106	79	80	..	56	49	54	
Chile	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	4	10	3	10	6	7	11	6	8	13	6	14	1	4	12	3	10	6	7	11	6	..	13	6	15
Diversos	3	6	14	5	19	33	28	14	34	..	23	9	23	—	—	—	—	—	—	1	—	1	2	—	—	—	—	3	6	14	8	19	34	28	15	36	..	23	10	23
TOTAL	76	55	74	51	66	71	72	52	68	54	45	25	44	83	58	91	58	77	92	93	57	54	60	48	40	48	159	113	165	109	143	163	165	109	122	114	93	65	92	

Observações: 58-59 = 11 meses, exceto setembro.
.. = Desconhecido.
— = Inexistente.

QUADRO Nº 7.
 MOVIMENTO DO PÔRTO DE PARANAGUÁ.
 NAVEGAÇÃO COM O RIO DA PRATA.

ANOS	ENTRADAS			SAÍDAS			TOTAL		
	Nº	TON.	EQ.	Nº	TON.	EQ.	Nº	TON.	EQ.
42-43	12	2.005	...	42	6.685	...	54	8.690
43-44	71	15.951	...	80	17.759	...	151	33.710
44-45	47	10.056	...	54	11.090	...	101	21.146
45-46	57	16.417	...	81	23.792	...	138	40.209
46-47	42	10.325	...	54	11.802	...	96	22.223
47-48	46	9.491	544	66	13.245	777	143	22.784	1.307
48-49	35	7.931	423	81	18.896	870	116	29.617	1.290
49-50	39	9.748	467	67	15.724	728	106	25.472	1.195
50-51	36	7.343	405	49	10.176	570	85	17.519	975
51-52	45	11.280	535	69	17.896	896	114	29.176	1.431
52-53	29	8.036	350	45	10.930	494	74	18.966	844
53-54	36	8.693	391	43	9.448	468	79	18.141	859
54-55	52	12.454	546	58	14.358	605	110	26.812	1.151
55-56	14	7.542	360	46	10.451	462	80	17.993	822
56-57	23	52	75
57-58	21	35	8.042	...	56
58-59	16	3.295	...	32	7.429	...	48	10.724	...
59-60	20	4.235	...	34	7.234	...	54	11.469	...
60-61
61-62

Observações:

Anos 58-59 — somente 11 meses, exceto setembro.

..... — Desconhecido.

Quadro n.º 8.

MOVIMENTO DO PÔRTO DE PARANAGUÁ.
TIPO DE EMBARCAÇÕES.

	1854			1855			1856			1857			1858			1859		
	E.	S.	T.	E.	S.	T.	E.	S.	T.	E.	S.	T.	E.	S.	T.	E.	S.	T.
Barcas a Vapor	13	13	26	10	11	21	1	3	4	14	11	25	13	16	29
Bergantins	35	28	63	1	5	6
Brigues	27	25	52	32	31	63	27	28	55	23	21	44	25	25	50
Brigues-Barcas	15	12	27	15	13	28	16	14	30
Brigues-Escunas	5	5	10	7	3	10	4	2	6	4	4	8	4	6	10	7	6	13
Escunas	10	9	19	7	6	13	11	9	20	8	5	13	1	..	1	2	2	4
Iates	39	35	74	49	40	89	77	81	158	45	45	90	37	37	74	36	44	80
Galeras	4	4	8	1	..	1	1	2	1	1	2
Lanchas	10	10	20	13	9	22	4	3	7	3	6	9	6	6	12	6	7	13
Lugares	1	..	1	1	1	2	1	..	1
Patachos	19	22	41	23	29	52	34	35	69	27	27	54	25	25	50	29	28	57
Polacas	6	6	12	7	6	13	6	7	13	5	5	10	3	4	7	4	3	7
Sumacas	5	4	9	4	3	7	7	7	14	3	2	5	6	4	10	1	1	2
Vapôres	14	10	24	41	41	82	44	42	86	41	41	82	49	48	97
Palhabotes	2	2	4	1	..	1
Total	161	148	309	164	149	313	233	233	466	182	177	359	160	160	320	177	179	356

Observações: Ano de 1854 — 9 meses, exceto janeiro, agosto e setembro.
 Ano de 1855 — 10 meses, exceto janeiro e fevereiro.
 Ano de 1857 — 10 meses, exceto setembro e dezembro.
 Ano de 1858 — 11 meses, exceto setembro.

... — Desconhecido.

E. = entradas.

S. = saídas.

T. = total.

QUADRO Nº 9.
MOVIMENTO MENSAL DO PÔRTO DE PARANAGUÁ.

MESES	1854			1855			1856			1857			1858			1859		
	E.	S.	T.	E.	S.	T.	E.	S.	T.	E.	S.	T.	E.	S.	T.	E.	S.	T.
Janeiro	14	20	34	21	22	43	12	16	28	13	19	32
Fevereiro	9	8	17	15	14	29	22	20	42	15	14	29	13	13	26
Março	14	10	24	12	17	29	21	14	35	20	20	40	17	18	35	16	15	31
Abril	10	10	20	13	9	22	13	24	37	12	14	26	11	13	24	13	14	27
Maio	20	18	38	23	17	40	11	11	22	13	17	30	15	13	28	11	13	24
Junho	18	11	29	17	10	27	23	14	37	18	16	34	11	10	21	15	11	26
Julho	14	18	32	18	15	33	24	26	50	15	16	31	14	18	32	13	14	27
Agosto	17	17	34	25	17	42	26	17	43	13	9	22	18	14	32
Setembro	18	18	36	22	25	47	13	20	33
Outubro	21	16	37	15	16	31	20	23	43	21	23	44	18	16	34	17	15	32
Novembro	23	16	39	12	15	27	17	21	38	14	12	26	20	19	39	19	16	35
Dezembro	19	17	36	19	15	34	28	24	52	14	14	28	16	15	31
TOTAL	161	148	309	164	149	313	233	233	466	182	177	359	160	160	320	177	179	356

.. = Desconhecido.

QUADRO Nº 10.
COMÉRCIO EXTERIOR DO PARANÁ.
VALOR EM MIL RÉIS.

ANOS	EXPORTAÇÃO			IMPORTAÇÃO		
	VALOR	ÍNDICE	% DA IMP.	VALOR	ÍNDICE	% DA EXP.
42-43	344:000	100	42,75	804:500	100	—
43-44	351:000	102	61,95	566:500	70	—
44-45	356:000	103	71,62	497:000	61	—
45-46	370:000	107	82,95	446:000	55	—
46-47	396:500	115	60,12	659:500	81	—
47-48	590:500	171	67,67	872:500	108	—
48-49	775:000	225	87,37	887:000	110	—
49-50	658:500	191	90,45	729:000	90	—
50-51	572:500	166	87,13	657:000	81	—
51-52	884:000	256	76,53	1.155:000	143	—
52-53	551:000	160	48,76	1.130:000	140	—
53-54	872:500	253	62,61	1.393:500	173	—
54-55	811:500	235	54,24	1.496:000	185	—
55-56	1.664:500	480	95,79	1.737:500	215	—
56-57	2.213:500	643	—	1.977:000	245	89,31
57-58	1.915:500	553	—	1.694:000	210	84,43
58-59	1.074:000	312	97,63	1.100:000	136	—
59-60	1.569:000	456	—	994:000	123	63,38
60-61	1.196:000	347	78,34	1.526:500	189	—
61-62	856:500	248	66,36	1.290:500	160	—

QUADRO Nº 11.
 PROVÍNCIA DO PARANÁ.
 ALFÂNDEGA DE PARANAGUÁ.
 RENDA DA IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO.

EXERCÍCIOS	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	DESPACHO MARÍTIMO	TOTAL	RENDA GERAL DA PROVÍNCIA	% DA RENDA GERAL
1853-54	47:498\$000	20:917\$000	910\$000	69:325\$000	90:203\$000	76,85
1854-55	35:303\$000	42:663\$000	2:542\$00	80:508\$000	120:518\$000	66,80
1855-56	34:095\$000	85:154\$000	2:499\$000	121:748\$000	180:525\$000	67,44
1856-57	47:623\$000	133:401\$000	3:607\$000	184:631\$000	251:734\$000	73,34
1857-58	54:641\$000	143:023\$000	3:816\$000	201:480\$000	289:247\$000	69,65
1858-59	29:497\$000	81:372\$000	2:541\$000	113:410\$000	210:102\$000	53,97
1859-60	25:777\$000	89:036\$000	3:503\$000	118:316\$000	204:152\$000	57,95
1860-61	41:527\$000	87:684\$000	2:727\$000	131:958\$000	204:693\$000	63,12
1861-62	36:035\$000	73:863\$000	3.172\$000	113:070\$000	213:396\$000	52,98

QUADRO N.º 12
IMPORTAÇÃO PARANAENSE
(Valor em mil reis)

Anos	Mercadorias estrangeiras importadas diretamente		Mercadorias e estrangeiras importadas por cabotagem		Mercadorias nacionais importadas por cabotagem		Total
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	
42-43	58:439	6,47	745:988	82,59	98:778	10,93	903:205
43-44	50:155	6,82	516:190	70,28	167:677	22,83	734:022
44-45	34:720	5,27	462:442	70,18	161:801	24,55	658:964
45-46	25:546	4,20	417:872	68,71	164:666	27,07	608:084
46-47	9:130	1,13	650:265	80,86	144:695	17,99	804:090
47-48	22:193	2,21	850:581	84,94	128:614	12,84	1.001:388
48-49	22:658	2,21	864:510	84,67	133:823	13,10	1.020:991
49-50	161:817	19,18	566:032	67,08	115:984	13,74	843:833
50-51	7:983	9,62	648:933	78,22	172:676	20,81	829:592
51-52	44:256	3,03	1.110:992	76,10	304:635	20,86	1.459:883
52-53	68:717	5,09	1.061:432	78,72	218:069	16,17	1.348:218
53-54	120:691	7,45	1.272:600	78,64	224:907	13,89	1.618:198
54-55	44:341	2,65	1.451:861	86,86	175:257	10,48	1.671:459
55-56	11:292	0,52	1.726:034	79,83	424:696	19,64	2.162:022
56-57	29:217	1,13	1.948:024	75,69	596:212	23,16	2.573:453
57-58	25:038	1,05	1.669:215	69,32	713:671	29,63	2.407:924
58-59	34:733	2,13	1.065:439	65,58	524:266	32,27	1.624:438
59-60	54:943	3,64	939:524	62,26	514:446	34,09	1.508:913
60-61	57:583	2,95	1.468:835	75,37	422:425	21,67	1.948:843
61-62	79:481	4,82	1.210:872	73,48	357:353	21,68	1.647:706

QUADRO Nº 13.

COMPOSIÇÃO DA IMPORTAÇÃO PARANAENSE.

Gêneros	Unidades	44-45		46-47		49-50		50-51		51-52		52-53		54-55		58-59	
		Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor
Aço	—	—	268\$800	—	449\$990	—	220\$200	—	—	—	—	—	365\$500	—	1:954\$300	—	131\$500
Açúcar	Arrôbas	8.327	19:152\$100	4.391	9:773\$150	18.430	21:817\$230	...	20:957\$470	16.667	40:667\$988	17.920	39:867\$529	27.879	61:414\$574	...	123:464\$037
Alcatrão, breu, pixe	Barris	81	681\$320	30	460\$500	...	1:976\$020	...	314\$200	220	2:479\$000	—	2:207\$000	—	11:050\$000	...	588\$640
Alhos e cebolas	Restias	4.190	294\$000	2.500	362\$000	—	288\$500	—	—	—	683\$320	2.786	544\$700	2.265	261\$300	...	199\$200
Armamentos	—	—	3:388\$900	—	3:986\$960	—	6:373\$300	—	3:469\$700	—	6:689\$700	—	9:079\$700	—	15:582\$200	—	5:722\$088
Azeites	Medidas	—	3:707\$000	3.208	5:681\$160	3.375	5:794\$000	...	2:821\$500	—	13:517\$300	...	5:252\$180	...	14:521\$280	...	11:571\$008
Azeitonas	Ancoretas	362	608\$160	28	55\$300	107	215\$000	—	—	1.500	2:853\$300	124	266\$000	—	640\$000	...	122\$300
Bacalhau e peixe	—	—	1:029\$000	—	1:636\$800	—	2:533\$000	—	1:345\$500	—	6:845\$500	—	1:884\$300	—	6:300\$000	—	8:641\$567
Bebidas diversas	—	—	26:644\$690	—	26:618\$915	—	44:987\$490	—	20:378\$250	—	90:971\$860	—	78:114\$020	—	93:232\$340	—	68:092\$855
Carnes	Arrôbas	11.998	24:153\$425	3.194	5:075\$200	8.730	17:400\$000	...	12:088\$380	10.601	16:689\$050	2.118	4:236\$000	200	1:168\$000	...	34:186\$977
Cêra	Arrôbas	158	5:904\$000	133	4:055\$440	127	4:050\$420	...	3:115\$930	8	116\$000	5	72\$000	—	—	...	472\$463
Chá e chocolate	Arrôbas	48	1:721\$880	41	1:866\$460	51	2:751\$250	...	1:916\$430	2.912	3:573\$200	52	1:579\$160	75	1:218\$890	...	4:844\$440
Chapéus	—	—	16:833\$160	—	20:051\$260	—	20:166\$460	—	17:314\$500	—	34:337\$880	—	28:092\$690	—	25:599\$368	—	24:015\$283
Chumbo	Quintaes	...	2:412\$000	146	3:092\$600	193	3:628\$410	...	2:112\$900	580	8:317\$840	840	5:008\$000	—	5:312\$600	...	3:405\$242
Cobre	—	—	1:531\$000	—	1:638\$480	—	3:531\$290	—	1:166\$240	—	4:965\$270	—	2:804\$000	—	18:974\$375	—	—
Couros	—	—	48:050\$050	—	47:822\$430	—	70:146\$280	—	52:433\$930	—	111:954\$920	—	39:017\$040	—	90:830\$220	—	115:500\$200
Drogas medicinais	—	—	6:692\$000	—	4:079\$660	—	7:553\$170	—	5:244\$130	—	13:615\$800	—	7:468\$270	—	6:686\$300	—	1:189\$035
Estopa	Arrôbas	965	1:013\$250	35	110\$000	130	380\$000	...	—	550	2:100\$000	20	57\$000	—	834\$000	...	—
Farinha de mandioca	Alqueires	10.715	10:715\$000	2.350	2:135\$000	13.335	11:866\$000	...	6:866\$000	39.490	31:892\$000	31.852	28:666\$000	6.411	10:842\$000	...	24:880\$020
Farinha de trigo	Barricas	1.779	29:877\$000	1.270	20:124\$000	1.420	28:328\$000	...	33:954\$120	—	58:779\$700	—	44:897\$340	—	147:600\$000	...	108:128\$668
Fazendas	—	—	313:526\$000	—	481:308\$900	—	333:663\$230	—	493:770\$700	—	540:770\$757	—	718:336\$340	—	831:179\$638	—	545:899\$337
Feijão	Alqueires	784	1:885\$000	8	12\$800	2.450	5:168\$000	...	3:745\$000	3.044	6:095\$000	1.576	2:552\$000	377	1:269\$160	...	10:499\$430
Ferragens	—	—	21:418\$000	—	51:061\$000	—	33:708\$430	—	25:220\$000	—	37:486\$805	—	39:671\$770	—	36:642\$190	...	13:543\$885
Ferro	Quintais	286	1:698\$000	470	2:499\$400	437	5:031\$000	...	3:319\$660	—	3:119\$400	—	11:020\$200	—	38:922\$200	...	5:146\$375
Fumo	Arrôbas	2.287	11:248\$000	1.985	8:693\$170	2.192	11:476\$000	...	9:978\$000	4.124	17:082\$100	2.599	12:590\$565	2.748	17:170\$252	...	24:886\$572
Instrumentos agrícolas	Dúzias	85	750\$360	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	320\$000	...	112\$700
Instrumentos musicais	Um	—	2:265\$000	1	500\$000	6	2:210\$600	...	2:900\$000	—	1:605\$400	—	4:782\$000	—	3:451\$666	...	396\$060
Livros	Um	—	228\$000	151	145\$800	592	875\$000	...	497\$400	—	1:150\$320	189	976\$400	—	1:489\$180	...	3:432\$039
Louças	—	—	6:741\$700	—	7:129\$600	—	11:233:800	...	9:235\$000	—	22:706\$500	—	17:280\$930	—	18:993\$416	—	14:230\$873
Manteiga	Barris	132	3:526\$600	236	4:808\$910	...	5:507\$800	...	2:118\$000	—	15:212\$600	350	12:992\$000	—	11:604\$800	...	17:879\$820
Mobiliário	Peças	508	2:734\$000	288	2:131\$600	—	4:071\$000	—	—	—	7:616\$800	—	6:366\$400	—	3:563\$700	...	7:611\$122
Papel	—	—	1:057\$000	—	1:513\$000	—	1:232\$100	—	1:305\$520	—	4:496\$300	—	2:896\$700	—	2:432\$900	—	4:358\$880
Presuntos e paios	—	—	622\$000	—	—	—	2:093\$000	—	—	—	232\$000	—	200\$000	—	194\$000	—	192\$534
Pólvora	Barricas	145	2:329\$250	—	1:953\$280	—	4:389\$740	...	4:956\$000	—	4:569\$550	...	14:159\$450	—	6:661\$840	...	—
Queijos	Um	—	894\$440	282	25\$620	512	656\$000	...	792\$200	773	1:499\$200	1.224	864\$700	—	1:049\$360	...	480\$710
Quinquilharias	—	—	2:132\$000	—	—	—	17:400\$000	...	3:876\$470	—	3:953\$900	—	4:189\$000	—	3:796\$600	—	—
Sabão	Caixões	1.459	5:509\$200	1.283	5:886\$020	750	8:510\$745	...	6:636\$000	—	9:970\$470	—	5:465\$035	—	8:810\$600	...	14:606\$483
Sal	Alqueires	32.552	19:056\$665	13.060	9:656\$080	45.059	24:961\$720	...	9:161\$000	53.195	27:658\$380	66.356	33:761\$720	—	29:541\$400	...	11:341\$010
Sebo	Arrôbas	1.114	4:439\$690	—	8:144\$350	533	9:215\$000	...	10:582\$000	70	217\$600	—	—	—	—	—	—
Tamancos	Pares	—	8:790\$000	8.950	2:337\$420	8.434	2:991\$190	...	2:980\$000	—	13:362\$900	4.293	889\$500	—	6:982\$600	...	14:778\$440
Toucinho	Arrôbas	5.494	13:700\$000	481	1:545\$470	4.900	14:523\$500	...	8:105\$000	6.533	10:259\$000	6.001	13:187\$360	1.222	7:333\$855	...	22:832\$703
Velas	Arrôbas	12	241\$920	—	698\$920	—	95\$000	...	732\$000	1.784	17:388\$140	1.754	16:403\$720	2.292	19:976\$000	...	28:732\$139
Vidros diversos	Caixões	7	150\$000	52	415\$700	—	943\$000	...	556\$000	—	2:658\$800	—	3:293\$100	—	2:745\$800	...	3:035\$231
Vinagre	Pipas	16	978\$000	46	1:422\$540	123	5:324\$000	...	1:497\$000	...	3:430\$600	...	2:684\$600	...	1:971\$300	...	12:892\$556
Diversos	—	—	28:308\$350	—	53:126\$115	—	84:547\$125	—	42:129\$273	—	226:285\$448	—	119:176\$081	—	101:335\$596	—	332:393\$048
TOTAL			658:962\$950		804:090\$000		843:833\$000		829:591\$453		1.459:882\$798		1.348:218\$000		1.671.459\$000		1.624:438\$000

QUADRO Nº 14.

PRINCIPAIS PRODUTOS DA IMPORTAÇÃO PARANAENSE.

Anos	Açúcar		Farinha de trigo		Fazendas		Diversos		Total
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	
42-43	—	—	26:739\$510	2,97	541:432\$325	59,94	335:033\$165	37,09	903:205\$000
43-44	—	—	36:076\$806	4,93	350:768\$606	47,78	347:176\$588	47,29	734:022\$000
44-45	19:152\$100	2,90	29:877\$000	4,55	313:526\$000	47,57	296:408\$900	44,98	658:964\$000
45-46	—	—	16:248\$000	2,68	288:817\$377	47,49	303:018\$623	49,83	608:084\$000
46-47	9:773\$150	1,21	20:124\$000	2,52	481:308\$900	59,85	292:883\$950	36,42	804:090\$000
47-48	283\$000	0,02	39:269\$500	3,84	538:611\$000	53,78	423:224\$500	42,26	1.001:388\$000
48-49	6:586\$310	0,66	35:248\$300	3,45	601:969\$025	58,95	377:187\$365	36,94	1.020:991\$000
49-50	21:817\$230	2,60	28:328\$000	3,35	333:663\$230	39,54	460:024\$540	54,51	843:833\$000
50-51	20:957\$470	2,54	33:954\$120	4,09	493:770\$700	59,51	280:909\$710	33,86	829:592\$000
51-52	40:667\$988	2,79	88:779\$700	6,08	540:770\$757	37,04	789:664\$555	54,09	1.459:883\$000
52-53	39:867\$529	2,96	44:897\$340	3,33	718:336\$340	53,28	545:116\$791	40,43	1.348.218\$000
53-54	49:889\$583	3,08	1.618:198\$000
54-55	61:414\$574	3,69	147:600\$000	8,83	831:179\$638	49,72	631:264\$788	37,76	1.671:459\$000
55-56	105:143\$754	4,86	39:976\$200	1,87	1.245:932\$592	57,62	770:969\$454	35,65	2.162:022\$000
56-57	139:819\$230	5,43	64:947\$400	2,53	650:612\$065	25,28	1.718:074\$305	66,76	2.573:453\$000
57-58	173:506\$637	7,20	165:374\$497	6,86	2.407:924\$000
58-59	123:464\$037	7,60	108:128\$668	6,67	545:899\$337	33,60	846:945\$958	52,13	1.624:438\$000
59-60	1.508:913\$000
60-61	1.948:843\$000
61-62	1.647:706\$000

QUADRO Nº 15.
IMPORTAÇÃO DE MOEDAS METÁLICAS.
VALOR EM RÉIS.

ANOS	VALOR
42-43	_____
43-44	_____
44-45	47:712\$400
45-46
46-47	_____
47-48	_____
48-49	_____
49-50	99:901\$000
50-51
51-52	130:601\$600
52-53	88:926\$720
53-54	233:725\$200
54-55	318:780\$000
55-56	510:711\$200
56-57	227:130\$000
57-58	98:813\$000
58-59	186:600\$000
59-60
60-61
61-62

_____ Inexistente.
..... Desconhecido.

QUADRO Nº 16.
EXPORTAÇÃO PARANAENSE.

(Valor em mil reis).

Anos	Para fora do Império		Para o Império		Reexportação e baldeação		Total
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	
42-43	344:224	90,92	34:355	9,98	—	—	378:579
43-44	350:810	1:592
44-45	356:177	89,91	38:410	9,69	1:541	3,89	396:128
45-46	370:096	1:582
46-47	396:620	92,52	23:066	5,38	8:960	2,09	428:646
47-48	590:724	360
48-49	775:097	95,83	32:932	4,07	793	0,98	808:822
49-50	658:581	85,95	68:328	8,91	39:300	5,12	766:209
50-51	572:438	88,32	57:840	8,92	17:814	2,74	648:092
51-52	884:020	91,31	74:082	7,65	9:964	1,02	968:066
52-53	551:140	87,56	70:283	11,16	8:019	1,27	629:442
53-54	872:453	89,92	89:745	9,25	7:991	0,82	970:189
54-55	811:622	85,00	68:998	7,22	74:254	7,77	954:874
55-56	1.664:428	92,76	89:294	4,97	40:458	2,25	1.794:180
56-57	2.213:518	95,41	88:700	3,82	17:675	0,76	2.319:893
57-58	1.915:707	94,26	63:218	3,11	53:362	2,62	2.032:287
58-59	1.074:163	91,98	75:227	6,44	18:383	1,58	1.167:773
59-60	1.568:968	91,29	61:855	3,59	87:659	5,10	1.718:482
60-61	1.195:852	86,81	181:569	13,18	—	—	1.377:421
61-62	856:686	90,47	75:761	8,00	14:400	1,53	946:847

QUADRO Nº 18.

PRINCIPAIS PRODUTOS DA EXPORTAÇÃO PARANAENSE.

Anos	Erva-mate			Arroz pilado			Madeiras		Diversos		Valor total
	Arrôbas	Valor	%	Alqueires	Valor	%	Valor	%	Valor	%	
42-43	155.224	318:905	84,24	6.980	22:196	5,86	37:478	9,90	378:579
43-44	141.577	285:116	...	7.672	23:024	...	29:262
44-45	176.275	344:582	86,98	2.444	4:985	1,25	29:164	7,36	17:397	4,41	396:128
45-46	150.359	318:301	...	7.355	15:903
46-47	183.523	361:151	84,25	6.597	16:027	3,74	34:711	8,10	16:757	3,91	428:646
47-48	283.847	542:082	...	6.688	22:915	...	23:620
48-49	372.775	706:772	87,38	6.215	22:851	2,83	30:417	3,76	48:782	6,03	808:822
49-50	351.805	598:472	78,11	7.284	19:484	2,54	29:839	3,89	118:414	15,46	766:209
50-51	335.682	558:770	86,22	5.025	13:172	2,03	23:758	3,66	52:393	8,09	648:092
51-52	473.982	845:234	87,31	5.496	14:127	1,45	60:348	6,25	48:357	4,99	968:066
52-53	307.896	527:620	83,82	4.151	15:130	2,40	47:290	7,51	39:402	6,27	629:442
53-54	466.022	839:414	86,52	10.236	41:132	4,23	36:106	3,72	53:537	5,53	970:189
54-55	364.907	731:885	76,65	12.682	49:081	5,14	71:284	7,46	104:720	10,75	954:874
55-56	407.018	1.571:861	87,61	16.877	84:386	4,70	47:694	2,66	90:239	5,03	1.794:180
56-57	426.050	2.193:782	94,56	12.678	53:354	2,29	36:539	1,58	36:218	1,57	2.319:893
57-58	354.271	1.893:597	93,17	2.384	8:466	0,43	34:610	1,70	95:614	4,70	2.032:287
58-59	321.744	1.078:910	92,40	4.594	18:220	1,56	26:958	2,30	43:685	3,64	1.167:773
59-60	6:405	0,37	1.718:482
60-61	11:109	0,75	1.377:421
61-62	946:847

QUADRO Nº 17.

COMPOSIÇÃO DA EXPORTAÇÃO PARANAENSE.

Gêneros	Unidades	44-45		46-47		50-51		51-52		52-53		54-55		58-59	
		Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor
Açúcar	Arrôbas	21	43\$375	60	137\$920	...	740\$800	226	567\$280	338	832\$460	102	346\$360	...	24\$000
Aguardente	Pipas	90	3:548\$000	206	5:318\$463	...	10:035\$528	—	5:840\$000	—	1:432\$880	—	2:787\$045	...	16\$400
Alhos e cebôlas	Restias	2.430	46\$000	100	4\$000	...	—	2.773	244\$765	1.754	140\$400	—	—	...	5\$00
Amarras e viradores	Um	18	120\$000	14	400\$000	...	—	—	—	—	—	6	196\$000	—	—
Amendoim	Alqueires	156	93\$600	—	—	...	80\$000	45	30\$600	—	—	—	—	—	—
Animais vivos	Um	—	—	63	560\$200	...	415\$280	9	36\$000	21	79\$600	20	823\$000	—	—
Arroz	Alqueires	2.444	4:984\$600	6.597	16:027\$000	5.025	13:172\$720	5.496	14:126\$720	4.151	15:130\$090	12.682	49:081\$186	4.594	18:220\$000
Aves	Uma	—	—	621	387\$600	—	—	478	244\$830	254	203\$200	17	8\$500	...	16\$000
Batatas	Alqueires	8	15\$360	439	320\$200	...	110\$920	66	52\$800	—	16\$300	6	6\$240	...	—
Bebidas	—	—	10\$000	—	—	...	8:452\$200	—	—	—	—	—	—	...	520\$000
Bêtas	Peças	4.616	...	4.378	1:340\$480	...	7:063\$800	13.948	3:916\$000	—	3:975\$280	8.576	3:761\$960	...	—
Bolachas	Arrôbas	—	—	—	—	...	116\$160	90	309\$204	20	438\$120	13	52\$000	—	—
Café	Arrôbas	8	19\$950	984	2:954\$755	...	360\$640	488	1:461\$630	61	198\$000	68	255\$000	...	30\$500
Cal	Alqueires	1.590	258\$000	9.750	1:378\$000	...	593\$690	1.260	1:768\$000	6.600	994\$500	—	—	...	108\$000
Carne seca	Arrôbas	654	1:308\$000	—	—	...	2:424\$130	1.798	3:458\$360	663	1:600\$270	1.946	6:880\$630	...	7:526\$000
Casca manguê	—	—	—	2.047	614\$100	—	—	—	—	600	182\$600	—	—	—	—
Cigarros	Um	40.000	80\$000	30.800	62\$000	—	—	—	—	—	—	49.900	99\$800	—	—
Charutos	Um	16.200	81\$000	—	—	...	64\$000	36.400	291\$200	—	—	—	—	—	—
Chifres	Um	—	—	350	7\$000	...	312\$560	7.935	555\$450	11.065	885\$200	9.155	549\$300	...	341\$520
Crina e cabelo	Arrôbas	—	—	—	—	...	1:212\$000	590	1:770\$000	741	2:223\$000	664	3:097\$875	...	6:802\$600
Doces	—	—	46\$000	—	14\$400	...	66\$000	—	24\$000	—	28\$000	5	36\$200	—	—
Erva-mate	Arrôbas	176.275	344:582\$180	185.240	357:094\$000	335.682	558:770\$500	473.982	845:234\$500	307.896	527:619\$780	364.906	731:884\$663	321.744	1.078:910\$000
Esteiras	Uma	—	—	72	14\$400	—	—	317	50\$720	—	—	1	2\$400	...	602\$000
Farinha de mandioca	Alqueires	1.397	1:397\$000	482	531\$200	...	2:474\$560	6.390	6:992\$920	3.394	4:396\$000	520	1:095\$180	...	3:843\$280
Fazendas	—	—	—	—	—	...	4:102\$000	—	—	—	—	—	—	...	2:663\$860
Feijão	Alqueires	9	18\$000	244	702\$650	...	1:793\$950	330	990\$000	584	1:763\$000	336	1:173\$360	...	839\$000
Fumo	Arrôbas	311	1:244\$000	535	2:371\$000	...	900\$000	738	3:690\$000	278	1:197\$500	8	17\$062	—	—
Lenha	Achas	1.065.650	5:328\$250	—	—	...	3:246\$010	1.212.300	7:273\$800	486.800	3:160\$800	410.235	2:333\$100	...	1:664\$970
Madeiras	—	—	23:835\$500	—	34:710\$842	—	20:511\$830	—	53:073\$870	—	44:129\$230	—	68:950\$631	—	25:293\$140
Mel	Medidas	—	—	105	84\$000	...	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Milho	Alqueires	72	72\$000	842	1:275\$000	...	78\$680	20	32\$000	148	265\$400	1.018	1:846\$800	—	—
Ovos	Dúzias	—	20\$000	—	35\$160	—	—	—	—	15	3\$600	—	—	...	4\$000
Peixe seco	—	—	15\$000	—	8\$000	—	30\$800	—	33\$600	—	24\$000	—	65\$000	—	—
Queijos	Um	214	84\$800	—	—	...	19\$200	7	7\$480	—	—	—	—	—	—
Rapé	Libras	—	—	—	555\$000	...	163\$000	—	—	—	—	—	—	—	—
Sementes e plantas	—	—	—	—	—	...	273\$000	—	133\$430	—	67\$000	—	142\$780	—	137\$900
Sabão	Arrôbas	—	—	—	—	...	141\$120	—	57\$440	—	5\$760	—	—	—	218\$790
Tijolos e telhas	Milheiro	30.400	609\$000	44.000	704\$000	...	2:247\$000	164.430	3:284\$600	179.020	3:580\$400	23.450	469\$000	...	560\$000
Toucinho	Arrôbas	37	88\$800	30	90\$000	...	826\$260	352	1:059\$240	247	778\$500	39	193\$240	...	288\$000
Diversos	—	—	7:484\$970	—	944\$630	—	7:284\$982	—	11:455\$561	—	14:091\$130	—	78:720\$688	—	19:630\$423
TOTAL			396:127\$855		428:646\$000		648:092\$498		968:066\$000		629:442\$000		954:874\$000		1.167:773\$027

QUADRO Nº 19.

EXPORTAÇÃO PARANAENSE PARA FORA DO IMPÉRIO.

Gêneros	Unidades	45-46		46-47		47-48		48-49		49-50	
		QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR
Aguardente	Canadas	19.260	4:230\$705	18.000	3:533\$463	22.230	5:564\$500	38.260	10:345\$500	7.020	1:422\$836
Arroz Pilado	Alqueires	4.871	9:693\$385	4.469	9:643\$000	6.688	22:914\$800	6.215	22:850\$600	7.284	19:484\$040
Erva-Mate	Arrôbas	148.277	310:335\$000	180.774	350:636\$000	281.539	534:921\$000	36.713	696:713\$000	344.837	584:913\$000
Madeiras	—	—	2:642\$000	—	23:800\$622	—	23:618\$626	—	30:416\$827	—	17:350\$240
Diversos	—	—	43:194\$910	—	9:006\$915	—	3:705\$074	—	14:691\$073	—	34:852\$884
Total		—	370:096\$000	—	396:620\$000	—	590:724\$000	—	775:017\$000	—	658:023\$000

Gêneros	Unidades	53-54		54-55		55-56		56-57		58-59	
		QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR
Aguardente	Canadas	1.542	515\$610	...	2:707\$045	...	11:250\$075	—	—	—	...
Arroz Pilado	Alqueires	7.547	31:166\$870	...	39:913\$266	...	67:670\$000	...	24:720\$750	...	3:408\$500
Erva-Mate	Arrôbas	458.127	825:195\$000	358.605	715:650\$000	403.567	1.558:536\$000	420.492	2.169:126\$000	317.843	1.057:624\$000
Madeiras	—	—	8:450\$780	—	48:204\$927	—	15:556\$775	—	14:948\$020	—	10:685\$760
Diversos	—	—	7:124\$740	—	5:146\$762	—	11:475\$150	—	4:723\$230	—	2:444\$740
Total		—	872:453\$000	—	811:622\$000	—	1.664:488\$000	—	2.213:518\$000	—	1.074:163\$000

... = Desconhecido.

QUADRO Nº 20.

EXPORTAÇÃO DE ERVA-MATE.

Anos	Exportação total do Império			Exportação paranaense para fora do Império				
	Arrôbas	Valor	Preço médio	Arrôbas	%	Valor	%	Preço médio
42-43	168.651	346:409\$000	2\$054	152.768	90,58	313:852\$000	90,60	2\$054
43-44	161.404	317:581\$000	1\$967	140.343	86,95	282:632\$000	88,99	2\$013
44-45	202.022	381:448\$000	1\$888	169.521	83,91	331:312\$000	86,90	1\$954
45-46	173.855	362:283\$000	2\$083	148.277	85,28	310:335\$000	85,66	2\$092
46-47	204.009	397:629\$000	1\$949	180.774	88,61	350:636\$000	88,18	1\$939
47-48	311.238	590:223\$000	1\$896	281.539	90,45	534:921\$000	90,63	1\$899
48-49	381.251	719:376\$000	1\$886	366.713	96,18	696:713\$000	96,84	1\$899
49-50	380.808	651:071\$000	1\$709	344.837	90,55	584:913\$000	89,83	1\$696
50-51	347.099	570:740\$000	1\$644	330.000	95,07	549:251\$000	95,56	1\$664
51-52	497.929	890:930\$000	1\$789	466.524	93,70	830:666\$000	93,23	1\$780
52-53	322.582	554:344\$000	1\$718	300.523	93,16	514:348\$000	92,78	1\$711
53-54	472.320	851:292\$000	1\$802	458.127	96,99	825:195\$000	96,93	1\$801
54-55	406.682	857:186\$000	2\$107	358.605	88,17	715:650\$000	83,48	1\$995
55-56	465.421	1.780:483\$000	3\$825	403.567	86,71	1.558:536\$000	87,53	3\$861
56-57	517.726	2.637:733\$000	5\$094	420.492	81,21	2.169:126\$000	82,23	5\$158
57-58	404.271	2.071:125\$000	5\$123	350.568	86,71	1.881:125\$000	90,82	5\$365
58-59	483.845	1.749:334\$000	3\$615	317.843	65,69	1.057:624\$000	60,45	3\$327
59-60	667.365	2.115:043\$000	3\$169	460.454	68,99	1.562:563\$000	73,87	3\$393
60-61	502.833	1.560:968\$000	3\$104	334.990	66,62	1.184:743\$000	75,89	3\$536
61-62	488.851	1.404:376\$000	2\$872	305.340	62,46	827:667\$000	58,93	2\$710

QUADRO Nº 21.

EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE ERVA-MATE.

Anos	Para fora do Império			Para o Império				Total		
	Arrôbas	%	Valor	%	Arrôbas	%	Valor	%	Arrôbas	Valor
42-43	152:768	98,41	313:852	98,41	2.456	1,59	5:053	1,59	155.224	318:905
43-44	140:343	99,12	282:632	99,12	1.234	0,88	2:484	0,88	141.577	285:116
44-45	169:521	96,16	331:312	96,14	6.754	3,84	13:270	3,86	176.275	344:582
45-46	148:277	98,61	310:335	97,50	2.082	1,39	7:966	2,50	150.359	318:301
46-47	180.774	97,58	350:636	97,08	2.749	2,42	10:515	2,92	183.523	361:151
47-48	281.539	99,18	534:921	98,67	2.308	0,82	7:161	1,33	283.847	542:082
48-49	366.713	98,37	696:713	98,57	6.062	1,63	10:059	1,43	372.775	706:772
49-50	344.837	98,01	584:913	97,73	6.968	1,89	13:559	2,27	351.805	598:472
50-51	330.000	98,31	549:251	98,29	5.682	1,69	9:519	1,71	335.682	558:770
51-52	466.524	98,42	830:666	98,27	7.458	1,58	14:568	1,73	473.982	845:234
52-53	300.523	97,60	514:348	97,48	7.373	2,40	13:272	2,52	307.896	527:620
53-54	458.127	98,30	825:195	98,30	7.895	1,70	14:219	1,70	466.022	839:414
54-55	358.605	98,27	715:650	97,78	6.302	1,73	16:235	2,22	364.907	731:885
55-56	403.567	99,15	1.558:536	99,15	3.451	0,85	13:325	0,85	407.018	1.571.861
56-57	420.492	98,62	2.169:126	98,87	5.858	1,38	24:656	1,13	426.050	2.193:782
57-58	350.568	98,95	1.881:125	99,35	3.703	1,05	12:472	0,65	354.271	1.893:597
58-59	317.843	98,78	1.057:624	98,02	3.901	1,22	21:286	1,98	321.744	1.078:910
59-60	460.454	...	1.562:563
60-61	334.990	...	1.184:743
61-62	305.340	...	827:667

QUADRO Nº 22.
COMÉRCIO PARANAENSE COM O PRATA.
VALOR EM RÉIS.

EXERCÍCIOS	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO
1842-43	58:071\$000	299:125\$000
1843-44	46:231\$000	331:572\$000
1844-45	31:706\$000	302:361\$000
1845-46	25:546\$000*	370:096\$000*
1846-47	7:452\$000	305:136\$000
1847-48	22:012\$000	513:866\$000
1848-49	8:595\$000	646:446\$000
1849-50	129:502\$000	531:625\$000
1850-51	5:983\$000	474:894\$000
1851-52	44:256\$000	884:020\$000*
1852-53	68:717\$000	551:140\$000*
1853-54	120:691\$000	611:035\$000
1854-55	44:341\$000*	626:959\$000
1855-56	11:292\$000*	1.377:603\$000
1856-57	29:217\$000*	1.680:741\$000
1857-58	25:038\$000*	929:413\$000
1858-59	34:733\$000*	850:742\$000
1859-60	54:943\$000*	1.023:424\$000
1860-61	57:583\$000*	887:462\$000
1861-62	79:481\$000*	604:492\$000

Obs.: Os exercícios assinalados referem-se ao total da Exportação para fora do Império e ao total da Importação direta.

QUADRO Nº 23.
COMÉRCIO PARANAENSE COM O CHILE.
VALOR EM RÉIS.

ANOS	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO
42-43	_____	41:260\$060
43-44	_____	10:062\$221
44-45	_____	53:816\$000
45-46	_____
46-47	_____	87:690\$045
47-48	_____	76:857\$874
48-49	_____	116:474\$174
49-50	_____	91:618\$518
50-51	_____	97:543\$770
51-52	_____
52-53	_____
53-54	_____	253:120\$060
54-55	_____	176:224\$100
55-56	_____	262:030\$020
56-57	_____	529:266\$255
57-58	_____	961:151\$698
58-59	_____	216:090\$509
59-60	_____
60-61	_____
61-62	_____	248.941\$150
.....	Valor desconhecido.	
_____	Inexistente.	

QUADRO Nº 24.
PRÊÇOS MÉDIOS DA ERVA-MATE.

Exercícios	Império		Paraná	
	Prêços	Índice	Prêços	Índice
1842-43	2\$054	100	2\$054	100
1843-44	1\$967	95	2\$013	98
1844-45	1\$888	91	1\$954	95
1845-46	2\$083	101	2\$092	101
1846-47	1\$949	94	1\$939	93
1847-48	1\$896	92	1\$899	92
1848-49	1\$886	91	1\$899	92
1849-50	1\$709	83	1\$696	82
1850-51	1\$644	80	1\$664	80
1851-52	1\$789	87	1\$780	86
1852-53	1\$718	83	1\$711	83
1953-54	1\$802	87	1\$801	87
1854-55	2\$107	102	1\$995	97
1855-56	3\$825	186	3\$861	187
1856-57	5\$094	248	5\$158	251
1857-58	5\$123	249	5\$365	261
1858-59	3\$615	176	3\$327	161
1859-60	3\$169	154	3\$393	165
1860-61	3\$104	151	3\$536	163
1861-62	2\$872	139	2\$710	131

Esta flutuação induzida, na economia paranaense, se define sobretudo pela alta de preços da erva-mate, quase exclusivo produto de exportação da Província, nos exercícios de 1856-1857 e 1857-1858, e pela queda flagrante que sofreram naquele de 1858-1859, bem como, em consequência, face à depressão, pela alta de preços dos produtos importados, inclusive de gêneros alimentícios nacionais.

Desta maneira, a crise e a depressão atingiram diretamente não apenas os comerciantes em grosso da erva-mate, e todos aquêles que, desde a coleta, dela dependiam economicamente, mas tôda a população paranaense, além das rendas provinciais em declínio.

Observa-se, assim, que o presente estudo, com base na análise serial quantitativa, fornece subsídios de importância para o conhecimento da economia paranaense e das suas flutuações ante as variações conjunturais do sistema, permitindo, pois, a realização de significativas conotações entre a economia capitalista ocidental e aquela reflexa da periferia.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *José Roberto do Amaral Lapa* (FFCL de Marília. SP).

Declarou que tendo recebido o resumo do trabalho da Profa. Cecília Maria Westphalen somente há alguns instantes atrás, a sua intervenção significava apenas a manifestação do interesse com que tem acompanhado os seus estudos sobre o pôrto de Paranaguá, dos quais já teve expressiva mostra anterior, sobre a qual aliás êle próprio se manifestara em revista especializada estrangeira.

Afirmou que em sua dissertação a Autora mostrara os reflexos que as diferentes crises do capitalismo ocidental provocaram no movimento do pôrto de Paranaguá nos meados do século passado. Tomando em consideração o fato de que êsse período estudado é marcado justamente por uma série de transformações conjunturais que sofrem a economia e a sociedade brasileira, transformações essas determinadas pelas condicionantes impostas pelo capitalismo internacional, apreciaria saber se êsse quadro conjuntural de transição que atravessa o Brasil e que se distingue, entre outros acontecimentos, pela extinção do tráfico de escravos, pela expiração dos Tratados celebrados com a Inglaterra, pela mais acentuada introdução do trabalho livre que obedece da parte do govêrno uma política de povoamento e da parte da iniciativa privada um atendimento à substituição da mão-de-obra escrava, pela reforma das tarifas alfande-

gárias, por um incipiente processo de urbanização e pelas transformações estruturais da exploração agrária em determinadas áreas do país, ocasiona alterações no movimento do pôrto de Paranaguá, e que espécie de alterações teriam sido essas? Por exemplo: o ritmo e procedência da entrada de escravos africanos se modificaram? A natureza e procedência das manufaturas importadas foram outras? A matéria-prima e os produtos tropicais exportados e os portos de destino se alteraram?, etc.

*

Da Profa. *Helga Picolo* (FFCL da UFRGS).

Em primeiro lugar apresenta os seus cumprimentos pelo trabalho apresentado, que representa mais uma contribuição brilhante ao estudo da História Econômica do Brasil. Sabe que o trabalho realizado pela Autora é de fôlego e que devido ao seu tamanho não foi entregue aos Simposiastas, recebendo êstes apenas um resumo.

As perguntas que formularia poderiam parecer descabidas em face do conteúdo do trabalho integral. Afirma que as faz apenas por desconhecer o texto completo. Assim sendo, indaga:

1). — As crises de 1847 e 1857 são analisadas ou apenas os seus reflexos no movimento de navios e mercadorias?

2). — Se bem entendeu, as datas limites da pesquisa são 1842 e 1862. Qual ou quais as razões da escôlha destas datas-limites?

3). — Por diversas vezes a Autora se refere ao Rio Grande. E' significativo para a Província do Paraná o movimento de mercadorias entre Paranaguá e Rio Grande?

*

Do Prof. *José Alves Figueiredo Filho* (FFCL do Crato. CE).

Afirma que são tão isoladas entre si as diversas regiões brasileiras que, na qualidade de norderstino, foi-lhe completamente inédita a bela e instrutiva comunicação da Profa. Cecília Maria Westphalen.

Pergunta se a Autora teria por acaso alguma referência específica sôbre o comércio entre o São Francisco e o pôrto de Paranaguá?

*

Do Prof. *Romeu Stival* (FFCL de Paranaguá. PR).

Consulta a Profa. Cecília Maria Westphalen sôbre onde foram obtidos os dados para a elaboração do trabalho acêrca dos navios e

mercadorias no pôrto de Paranaguá nos meados do século XIX, pois como é sabido, existem nos arquivos paranaenses muitos poucos documentos sôbre o século XIX.

*

Do Prof. *José Calazans* (Universidade Federal da Bahia).

Pergunta até que ponto teria influído na emancipação política do Paraná, em 1853, o movimento do pôrto de Paranaguá?

Indaga ainda se a situação teria sido invocada pelos defensores da emancipação?

*

Do Prof. *Francisco Filipak* (FFCL de União da Vitória).

Diz que embora fugindo do alcance da brilhante palestra da Profa. Cecília Maria Westphalen, indaga, como informe suplementar, a situação atual dos preços da erva-mate.

*

Do Prof. *Eduardo d'Oliveira França* (FFCL-USP).

Pergunta:

1). — Quais as conexões entre as crises situadas em 1847 e 1857 e o conjunto de economia provincial em suas flutuações eventuais? Existem ligações entre flutuações dos fluxos da vida portuária e os sucessos políticos contemporâneos?

A relação conjuntural pode ser direta e imediatamente ligada à vida econômica mundial e, em consequência, as explicações condiziam num contexto mundial — dado o caráter colonial persistente de nossa economia — ou as explicações são principalmente de âmbito interno?

2). — No capítulo das concorrências: há postos cujas ligações com o interior podem influir nos ritmos dos fluxos — importação e exportação de Paranaguá?

* *

*

RESPOSTAS DA PROFESSORA CECÍLIA MARIA
WESTPHALEN.

Ao Prof. *José do Amaral Lapa*.

Inicialmente agradece as amáveis referências ao seu trabalho.

Diz que, de fato, o período estudado é de suma importância na história do Brasil, não somente pelas variações conjunturais, como pelas mudanças estruturais, cujos “sinais” são claramente percebidos.

Afirma que encontrou esses “sinais” estudando o porto de Paranaguá. Assim, apenas exemplificativamente: na primeira fase do período estudado aparecem no movimento do porto, com certa frequência, outros portos de procedência e destino que não apenas os do Prata e do Chile, mas agora “possessões portuguesas na África”. É a introdução de escravos novos. Paranaguá caracteriza-se, nessa década de 1840-1850 como um porto de contrabando de escravos negros. O episódio *Cormorant* não foi um fato isolado. De outro lado, o período é assinalado pela introdução de imigrantes e pela fundação de duas das primeiras colônias no Paraná: a Colônia Theresza, no Ivaí, e a Colônia do Superaguí, no litoral (a primeira e anterior foi a do Rio Negro). Na década da instalação da Província, justamente se pode assistir à formulação da política imigratória paranaense, voltada para a agricultura de abastecimento.

No mais, pode dizer, de modo muito rápido, que a estrutura do comércio exterior do Paraná, manteve-se sem maiores alterações, no período.



À Profa. *Helga Picolo*.

Agradece as suas gentis palavras em relação ao seu trabalho e esclarece que nele não trata especificamente das crises ocidentais de 1847 e 1857, mas somente da sua conotação com o movimento de navios e mercadorias no porto de Paranaguá.

Escolheu esse período em virtude de:

1). — A problemática — reflexos das crises de 1847 e 1857, considerando-se os respectivos ciclos: aquele de 1842-1848 e aquele de 1852-1861.

2). — Tratar-se da conjuntura da emancipação e instalação da nova Província do Paraná — ano de 1853.

3). — Ter o porto de Paranaguá relações frequentes e contínuas com os portos do Rio Grande do Sul. A lista de entradas e

saídas de embarcações revela êsse movimento, conforme a Tabela n.º 6 que consta do trabalho. Afora miudezas e artigos diversos, via de regra, o pôrto de Paranaguá importava couros e carnes do Rio Grande e exportava aguardente, algum arroz, cal, bêtas e madeiras.

4). — As relações são freqüentes, entretanto, no conjunto das importações e exportações, quer em valor, como em volume, não tem maior significação, no período, o comércio realizado com o Rio Grande.

*

Ao Prof. *José Alves de Figueiredo Filho*.

Esclarece ao ilustre Professor que o pôrto do Rio de São Francisco citado como presente nas relações do pôrto de Paranaguá, no período, é aquêle de Santa Catarina.

Entretanto, quer no período, como nos anteriores, teve o pôrto de Paranaguá relações comerciais com portos acima do Rio de Janeiro, sobretudo Bahia e Pernambuco. No século XVIII, a vila de Paranaguá é que socorreu com suas farinhas de mandioca, não somente as demais vilas do Sul, como aquelas do Norte. Pode-se mesmo divisar, na história econômica da Comarca de Paranaguá, no final de século XVII, um “ciclo da farinha da mandioca”.

*

Ao Prof. *Romeu Stival*.

Afirma que nos arquivos locais de Paranaguá praticamente nada encontrou. Entretanto, trabalhou e encontrou farto material, embora não homogêneo e descontínuo, em arquivos de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Portugal, Montevidéu, Buenos Aires e Chile.

*

Ao Prof. *José Calazans*.

Diz que em 1842, foram renovadas, de modo concreto, as tentativas de emancipação político-administrativa da 5.ª Comarca da Província de São Paulo, elas são feitas em nome da necessidade da expansão do comércio, em grande parte fundamentado no pôrto de Paranaguá, cortando-se a dependência de São Paulo que os impedia de progredir. Aliás, as representações de Câmaras Municipais e de Círculos de Eleitores dessa época, são bem claras e positivas nesse sentido.

Diz ainda que é interessante observar que um momento de *boom* no movimento do pôrto é representado pelo exercício de 1851-1852, assinalando aliás, um ciclo de Kitchin, às vésperas da emancipação quando se renovam as expectativas paranaenses.

*

Ao Prof. *Francisco Filipak*.

Informa que neste Simpósio está comunicando apenas alguns resultados do seu trabalho que se encontra em vias de conclusão.

O problema básico que o orienta é êste: o da integração da economia paranaense na economia atlântica e qual a medida dessa integração. Assim, deverá chegar praticamente à década de 1940, pois que desde logo pode enunciar uma conclusão ainda provisória: esta integração somente se realiza com a exportação de café.

Quanto à erva-mate em particular, a situação é praticamente a mesma: estreiteza de mercados consumidores, concorrência de ervas de outras procedências e baixa de preços.

*

Ao Prof. *Eduardo d'Oliveira França*.

A problemática que deliberadamente foi proposta é aquela das possíveis conotações entre flutuações da economia capitalista ocidental e aquelas do pequeno pôrto de Paranaguá, estudando os reflexos nas crises de 1847 e 1857.

Não entrou, nos limites desta comunicação no estudo das “rotas secas”, de grande importância, aliás, no Paraná. Não foi assim, considerado o comércio de tropas de mulas que demandavam Sorocaba. Entretanto, conforme dados disponíveis, pode dizer que, no período, o comércio marítimo realizado através do pôrto de Paranaguá constituía o suporte das finanças provinciais. Embora, conforme estudos do ilustre pesquisador sorocabano, Aluísio de Almeida, a década de 1850-1860, fôsse uma das mais significativas em número de animais entrados, no comércio das tropas, as rendas gerais da recém-instalada Província do Paraná, em mais de 53% e até 76%, provinham do comércio realizado através do pôrto de Paranaguá.

As exportações de mercadorias paranaenses para fora do Império, com base na erva-mate, significaram sempre, tanto em volume, como em valor, mais de 85% do total das exportações do Paraná por via marítima. Os eventos políticos teriam, assim, íntima conotação com o movimento do pôrto de Paranaguá, haja vista os

bloqueios dos portos de Montevideu e, no período, sobretudo, de Buenos Aires, fazendo cair aquêlo movimento de embarcações e mercadorias.

Fundamenta a exportação em um artigo de beneficiamento primário, a alta ou a queda de preços nos mercados consumidores externos, induzia flutuações significativas. Paranaguá sofreu a concorrência de outros portos. Primeiramente, sobretudo, do pôrto de Antonina, a partir da instalação da sua Mesa de Rendas e depois com a abertura da estrada da Graciosa, na década de 1870. Antonina torna-se um grande pôrto exportador de erva-mate. Paranaguá sòmente irá recuperar, em parte, êsse movimento, com a ligação ferroviária. No que tange ao principal produto de exportação, no século XIX, Paranaguá sofrerá ainda e bastante, a concorrência do pôrto de São Francisco, em Santa Catarina. A erva-mate sofria ali menores impostos, razão porque muita erva-mate paranaense, saíria por ali, sobretudo entre os anos de 1860-1880.

Aproveita a oportunidade para agradecer as amáveis palavras do Prof. Eduardo d'Oliveira França e a de todos aquêles que a honraram com suas intervenções.